

O culto à memória

Nara Britto

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BRITTO, N. *Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1995. 144 p. ISBN 85-85676-09-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

4



O culto à memória

Agora, encerrado o breve ciclo da sua existência, vai começar a vida de sua memória. A história lhe fará a justiça de compensadora eternidade
Clementino Fraga, 1917

Quando morreu, Oswaldo Cruz era um cientista de renome, conhecido em alguns centros científicos europeus e latino-americanos, principalmente graças aos trabalhos de pesquisa desenvolvidos em seu instituto, entre os quais destacava-se a descoberta do *Trypanosoma cruzi*, por Carlos Chagas, em 1909.

Poucos se atreveriam a questionar a verossimilhança deste fato. Como se viu, os jornais que noticiaram a morte de Oswaldo Cruz confirmam a notoriedade que ele alcançara. No entanto, viu-se, também, que alguns de seus amigos e auxiliares consideraram que o reconhecimento do cientista por parte dos dirigentes do país ficara muito aquém de seus méritos, tal a economia das homenagens que lhe foram prestadas pelo mundo oficial. É patente a insatisfação dos amigos e colaboradores de Oswaldo Cruz, reiterada em várias oportunidades, com o que lhes pareceu uma atitude descortês do governo: não haver decretado o luto oficial por ocasião da morte do cientista.

Sales Guerra, amigo, médico e mais tarde biógrafo de Oswaldo Cruz, generaliza esta avaliação ao afirmar que as homenagens recebidas por Oswaldo Cruz ao longo de sua vida representavam tão-somente “manifestação espasmódicas, passageiras e superficiais”.

Diante desta constatação, alguns amigos mobilizam-se para o que definem como a luta contra o esquecimento de Oswaldo Cruz, que julgam

ser uma conseqüência natural do passar do tempo, mais grave em nosso país por força da pouca memória dos brasileiros.

Consideram que o esquecimento de Oswaldo Cruz constituía um crime de lesa-pátria, impondo-se aos seus jovens assistentes “cultuar a sua memória”, pois somente eles eram “capazes de avaliar a profundidade da desgraça que feriu o país” (Neiva, 1917:7).

Belisário Pena, que se considerava um membro do círculo dos discípulos de Oswaldo Cruz, afirmava que esse *culto à memória* constituía um dever cívico. No trecho a seguir, escrito alguns anos após a morte de Oswaldo Cruz, demonstra a disposição que o animava nesse sentido:

Não houve um só aniversário do seu passamento que não fosse por mim comemorado, o primeiro com a fundação da Liga (...) Não houve conferências, que se contam por dezenas, nas associações científicas, agrícolas, comerciais e industriais, e preleções populares, às centenas, nas escolas, colégios e quartéis, cinemas, fábricas e fazendas, e até na praça pública, nas cidades, vilas e povoados de vários estados, em que não se incutisse no espírito de meus ouvintes a veneração à memória de Oswaldo Cruz, o brasileiro que mais contribuiu para o bem-estar, a prosperidade e felicidade do povo. Esse ano, estando em viagem de Minas para esta capital, no dia 11 de fevereiro, data aniversária do seu falecimento, realizei no carro da Estrada de Ferro Leopoldina, reunidos aí os passageiros de 1ª classe, uma preleção sobre o inolvidável patricio. Nunca esmoreceu o meu culto de veneração à memória do Grande Homem, cujo espírito é o farol da minha rota na espinhosa travessia para o ideal de um Brasil saneado e, conseqüentemente, povoado, enriquecido e moralizado (Pena, 1922:ix).

Em meu entendimento, o movimento de culto à memória do cientista deu origem ao fenômeno de mitificação de Oswaldo Cruz. Esta ação, a princípio involuntária, decorrente do estado emocional provocado pela morte, evoluiu para um processo em que se pode notar um certo grau de intencionalidade no sentido de construir uma imagem perfeita do cientista, o que o tornou o símbolo da ciência brasileira.

A Liga Pró-Saneamento do Brasil tornou-se um dos mais importantes veículos de difusão dessa ideologia. Desde a sua criação procurou deixar clara a sua filiação: a data de inauguração do movimento fora escolhida em homenagem ao primeiro aniversário da morte de Oswaldo Cruz, designado como o seu patrono. E de sua lavra era o lema adotado: “Não esmorecer, para não desmerecer”.

A Liga justificava sua ação apresentando-se como um movimento que conservava uma linha de continuidade histórica com relação às

realizações de Oswaldo Cruz. Em discurso comemorativo do primeiro aniversário da entidade, em fevereiro de 1919, sobressaem estas intenções:

(...) esse era o anelo, era o sonho do Grande Patriota, cujo espírito é o patrono da Liga Pró-Saneamento do Brasil. Eu lhe falo, vejo-o neste momento, sinto-o aqui presente com a sua quase alva e revolta cabeleira de artista protegendo o invólucro de um cérebro sempre em ebulição a serviço da pátria e da ciência, satisfeito de se encontrar entre discípulos, hoje mestres, e auxiliares dedicados, e patriotas, empenhados todos na grandeza do Brasil, certo de que nem um só dia a sua obra foi abandonada, confiada que foi a mãos dignas do Mestre; eu o estou vendo com aquele olhar sonhador e bom, contente das criaturas que ele formou e educou, e que honram a sua memória, trabalhando sem outra preocupação que a de promover a grandeza da pátria amada.

E vendo-o e sentindo-o, entre nós, digo-lhe com sinceridade e ardor. Descansa Oswaldo! Goza serenamente da paz da alma a que tens direito pelo muito bem que fizeste à pátria e à humanidade. Não te dê cuidados à tua obra imperecível, que será defendida e engrandecida por muitos de seus discípulos queridos e pelos dedicados auxiliares, que, sem descanso, sem medir sacrifícios, realizarão o teu sonho; levarão avante a cruzada do saneamento, e legarão para teus filhos e seus descendentes um Brasil saneado, povoado, enriquecido e moralizado (Pena, 1919:230).

Como se viu na Introdução, a divulgação de determinadas representações sobre Oswaldo Cruz era parte integrante da doutrinação que a revista *Saúde* pretendia realizar no sentido de promover a campanha do saneamento rural, proposta central do projeto de reforma da saúde pública. Se a ele referem-se os artigos de colaboradores que escrevem para essa revista, os editoriais, de responsabilidade do conselho redator, são caracteristicamente apelativos, exaltando a figura de Oswaldo Cruz.

Verifica-se uma surpreendente profusão de metáforas e outras figuras de estilo na linguagem dos diversos artigos da revista que exaltavam o papel de Oswaldo Cruz na história do Brasil e no mundo científico ocidental. Assim, referem-se a ele como “o cristo da religião do saneamento”, “o grande brasileiro”, “o salvador”, “o bandeirante”, “aquele que iniciou os alicerces da nova nacionalidade”, “o apóstolo da ciência”, “o fundador de uma nova religião”, entre tantas outras expressões que não raro conferem à ciência uma dimensão religiosa, cujos móveis sagrados deveriam ser classificados superiormente na escala de valores da sociedade³⁹.

³⁹ A relação entre ciência e religião, explorada pelo positivismo, não é objeto deste trabalho. Para uma análise do tema, ver: Ferreira, 1989 e Porto, 1985.

Assim o movimento de culto à memória e à fundação da Liga constituíram uma resposta ao impasse vivido pelos médicos e higienistas que, com a morte de Oswaldo Cruz, perderam a sua maior expressão política e científica. Belisário Pena não somente valia-se do nome de Oswaldo Cruz para legitimar as propostas da Liga, como tentou congrega os discípulos e auxiliares em torno dela, estratégia indispensável para atingir os objetivos que se propunha, de reforma da saúde pública.

Esta solução que, podemos dizer, partiu de fora de Manguinhos, mas contou com a participação ativa de vários membros do Instituto e com a simpatia de todos, foi eficiente no sentido de procurar estabelecer laços de solidariedade entre todos os médicos, jovens assistentes e auxiliares que haviam trabalhado e se formado com Oswaldo Cruz, instituindo-se uma identidade a partir desta relação. A Liga conclamava à união de todos para continuar a missão de sanear o Brasil.

Para os objetivos desta entidade era fundamental obter o apoio da classe médica, em especial do Instituto Oswaldo Cruz, que, até aquele momento, constituía a referência básica das idéias sanitárias consideradas as mais modernas e condizentes com os avanços internacionais no campo da higiene pública. Oswaldo Cruz e seu grupo lideraram o movimento de reformulação da saúde pública brasileira de acordo com os últimos parâmetros científicos dados pelo desenvolvimento da microbiologia, a qual influía decisivamente sobre a medicina e a higiene.

Além disso, a história já tinha revelado que a desunião entre os médicos representava um fator de fragilidade para as propostas de intervenção social que pudessem esboçar. Assim acontecera em relação às mudanças preconizadas por Oswaldo Cruz em 1903, quando a categoria mostrou-se totalmente fragmentada. Como os governos e os políticos poderiam decidir sobre uma proposta se sobre ela não havia se formado um consenso entre os médicos?

Assim, para a Liga, criar uma identidade de grupo significava fortalecer as suas propostas de mudança. E esta identidade só foi possível graças ao recurso que se fez ao nome de Oswaldo Cruz, passando-se por cima dos conflitos em torno do personagem e contribuindo para a reconstrução de sua biografia como *herói fundador* da medicina experimental. Procurava-se, no plano ideológico, sedimentar sentimentos de solidariedade através da construção de uma imagem idealizada de Oswaldo Cruz, utilizada como um instrumento para minimizar as dissensões internas ao Instituto de Manguinhos. Nesse sentido, o depoimento

de Artur Neiva, na carta em que comunica a Carlos Chagas o rompimento de suas relações, é muito ilustrativo.

(...) independente da sua vontade e de seu desejo agora manifestado em carta, de me colocar entre os que o hostilizam, eu estarei a seu lado como força imponderável, é certo, porém, cumprindo o meu dever para com a memória do Oswaldo, sempre que você se colocar em condições de honrar a herança que recebeu (Artur Neiva, carta de 18 de julho de 1917, Arquivo Artur Neiva).

Deste modo, a idealização de Oswaldo Cruz funcionou como um importante instrumento político de solidarização entre os médicos, na medida em que visava à legitimação de suas propostas promovendo o reconhecimento do Instituto, o qual representava uma referência institucional indispensável aos seus objetivos. Em outras palavras, firmar publicamente uma certa imagem de Oswaldo Cruz significava conquistar para o movimento o prestígio e a posição que Manguinhos ocupava na hierarquia de consagração cultural e científica.

Embora se possa identificar o culto à memória de Oswaldo Cruz à Liga Pró-Saneamento, ele ganhou vida própria e sobreviveu a esta entidade, estendendo-se muito além do período de sua vigência (1918-1920). O culto à memória tornou-se um movimento mais amplo e de certa forma difuso de heroificação de Oswaldo Cruz, constituindo um fenômeno observável ao longo do tempo, presente no imaginário social até os dias atuais.

Como declarou Olímpio da Fonseca a um jornal logo após a morte do cientista, “Oswaldo Cruz não morrera, ele deixara apenas de ser mortal”. Continuava a viver através dos seus discípulos e auxiliares, aos quais cabia não apenas a tarefa de dar continuidade à sua obra, mas a de devotar-se à glorificação de seu nome.

O culto à memória de Oswaldo Cruz traduziu-se num eficiente elemento constituinte da identidade sanitaria, e foi incentivado por inúmeras gerações de médicos que deixaram patenteado, em atos e palavras, o seu compromisso de reverenciar aquele que passou a ser considerado o *mito de origem* do sanitarismo no Brasil.

Uma extensa bibliografia – cujo capítulo forte são as biografias, necrológios, panegíricos, textos encomiásticos – produzida a partir da morte de Oswaldo Cruz constitui um conjunto significativo de testemunhos que contribuíram decisivamente para criar a imagem mitificada que se conhece.

Em sua maioria estes textos foram escritos, a princípio, por um grupo de médicos contemporâneos de Oswaldo Cruz e mais ligados a ele. Foi, contudo, este discurso reproduzido por gerações de médicos que, ao longo do tempo, empreenderam um eficiente trabalho ideológico, constituindo uma tradição escrita e oral de culto à memória de Oswaldo Cruz que, lado a lado com festividades organizadas com o propósito de marcar a sua presença e eternizá-la, sobreviveu no imaginário nacional.

Acredito que, mesmo sem ter sido exaustivo, o levantamento destes textos possibilitou perceber a existência de um amplo e significativo conjunto de imagens simbólicas sobre Oswaldo Cruz, as quais conformam o que denomino hagiografia oswaldiana, e que é a fonte privilegiada desta análise.

A hagiografia oswaldiana

Falar de Oswaldo Cruz não se revela fácil empreendimento... de há muito está sendo objeto da atenção geral, pertencendo à raça especial de homens, cuja vida cria bibliotecas.

Carlos Seidl, 1917

“Seria possível uma biografia de Oswaldo Cruz?” indaga a si mesmo o médico baiano Clementino Fraga, que trabalhou com Oswaldo Cruz na Diretoria Geral de Saúde Pública entre os anos de 1903 e 1907, e frequentou o Curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz, considerado o melhor curso da época para aprendizado de técnicas microbiológicas e de bacteriologia.

Muitos anos mais tarde, Clementino Fraga – um clínico que desenvolvera pendores literários – dedicou-se a escrever a biografia de Oswaldo Cruz. Do ponto de vista deste biógrafo, apesar da brevidade de sua vida, a atuação de Oswaldo Cruz como homem público fora fulgurante: encontrara a glória em curto espaço de tempo. A extraordinária ascensão científica e social de Oswaldo Cruz, no entendimento de Fraga, justificava este tipo de obra.

Como pude verificar, tal opinião foi compartilhada por diferentes gerações de médicos, que, a partir dos contemporâneos de Oswaldo Cruz, seguiram-lhes o exemplo, produzindo um amplo conjunto de textos voltados para cantar sua vida em prosa e verso. De fato, uma

copiosa literatura foi produzida sobre Oswaldo Cruz, cuja característica essencial é o tom laudatório.

Ao lembrar fatos da vida quotidiana da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro na virada do século, Pedro Nava, em seu livro autobiográfico *Baú de Ossos*, faz uma observação provocante a respeito dos testemunhos sobre os médicos daquela época: em geral, caracterizam-se por sua parcialidade, já que diversos assuntos considerados como tabu não são revelados, pairando sobre eles um pesado silêncio.

Segundo Nava, a omissão de informações propicia as versões caluniosas que “nunca são escritas, mas que permanecem vivas através da tradição oral, alongando-se no tempo como uma cobra venenosa” (Nava, 1984:251).

Esta forma de encarar a história, afirma Nava, deturpa a vida dos personagens, prejudicando a compreensão do seu verdadeiro significado, e, assim, deveriam as biografias tratar de todos os assuntos, em vez de procurar omitir alguns deles. No texto a seguir, Pedro Nava dá sua opinião a respeito da questão de que nos ocupamos, nomeando o nosso personagem principal:

Se os que têm uma visão bondosa dos fatos se abstêm de comentá-los, deixam o campo livre para os bichos rastejantes que babam no tronco das grandes árvores. Se não se toca nesses assuntos, acabam os homens distorcidos e esvaziados da substância humana que neles habitou. É o que acontece com a maioria dos nossos grandes médicos, cujas vidas são geralmente abordadas por biógrafos com luvas de borracha que desinfetam tudo que existe de humano para só ensaiar o mito esterilizado que anula o homem. Onde estais, Miguel Couto, Oswaldo Cruz e Carlos Chagas? Quem vos poderá conhecer dentro de roupagens de santo com que vos afublaram e que tanto vos desfiguram? Esquecem que cada homem só vive e é grande quando mostrado integralmente. Nos seus acertos e erros. Nos acertos e erros dos outros sobre sua pessoa (Nava, 1984:251).

Como acertadamente constata Nava, os biógrafos com luvas de borracha anulam o homem para poder criar o mito, o qual é desprovido de seus conteúdos propriamente humanos. Todavia, engana-se o romancista ao sugerir que seria possível descobrir o homem sob o santo, posto que a qualidade da linguagem mítica reside nisto: embaralhar o real e a fantasia a fim de produzir o efeito desejado, isto é, a sacralização do indivíduo.

Por meio dessa operação é possível projetar-se o indivíduo para fora do círculo do tempo, despindo-o da temporalidade que circunscreve a vida humana. Assim, é possível falar de um espírito atemporal, como se os significados a ele atribuídos fossem imemoriais, sem data de origem.

É interessante notar estes efeitos no caso de Oswaldo Cruz, embora o processo de divinização não tenha implicado a perda mas, ao contrário, a construção de uma memória e de uma identidade coletiva: a do sanitarismo identificado com a pesquisa de laboratório no campo das doenças endêmicas, ou como eram conhecidas as doenças nacionais.

Esta é a origem do mito, e nos símbolos a ele associados identifica-se imagens relacionadas à identidade que construiu-se em torno dele. De fato, é possível perceber um certo padrão de símbolos aos quais vincula-se a imagem do cientista. Esta imagética é visivelmente detectada, após algumas leituras, por força até da exaustão com que é repetida.

Periodicamente, a partir da morte de Oswaldo Cruz, um certo número de textos sobre ele foi produzido no gênero biográfico, sejam ensaios de menor fôlego que abordam apenas determinados aspectos da vida profissional, sejam relatos que assumem a forma mais pretensiosa e clássica de biografias que procuram abranger a vida do cientista extensivamente.

Os textos identificados, que encontram-se relacionados ao final deste trabalho, abarcam um período relativamente longo de tempo: os primeiros são de 1917 e o último registro data do ano de 1974.

É significativo que, durante este período, sempre que possível, tenha-se comemorado Oswaldo Cruz em associação com uma solenidade nacional, como por exemplo a do centenário da Independência em 1922 e a do sesquicentenário da mesma efeméride em 1972.

A bibliografia sobre Oswaldo Cruz consultada por mim é composta de variadas referências: diversos necrológios, uma biocronologia, cinco biografias e numerosos artigos de feição histórica que pretendem recuperar os feitos de Oswaldo Cruz, destacando-se os que versam sobre o instituto de pesquisas que criou. Do levantamento efetuado consta até mesmo uma revista de história em quadrinhos que narra a campanha de saneamento do Rio de Janeiro.

Registramos ainda alguns títulos publicados no estrangeiro, mais especificamente na Argentina e no Peru, cujas comunidades científicas já havia algum tempo vinham estabelecendo laços de aproximação com os médicos brasileiros. Estes, sempre que possível, referem-se a tais textos como um sinal da consagração de Oswaldo Cruz no plano internacional.

Ante a extensão desta bibliografia, selecionei para análise um conjunto de textos que julgamos os mais significativos. Apesar de não esgotarem o universo possível de referências sobre o assunto, os textos selecionados cristalizam certos elementos cruciais do mito, apropriados

e reproduzidos posteriormente: são, pois, *clássicos* estes textos constantemente referidos pela literatura, acadêmica ou não, dedicada a Oswaldo Cruz.

Alguns critérios orientaram essa escolha de textos. Em primeiro lugar, interferiram decisivamente a constatação da repetição exaustiva de símbolos e imagens e a reprodução literal de fatos e versões que nada acrescentavam ao que já tinha sido dito anteriormente. Em segundo lugar, privilegiaram-se os textos escritos entre 1917 a 1922, que consideramos o período em que despontou o movimento de culto à memória, explicitamente assumido pelos discípulos: é neste período que se constroem e se consolidam elementos fundamentais do mito que, posteriormente, seriam exaustivamente repetidos pela literatura. Em terceiro lugar, optou-se preferencialmente, mas não exaustivamente, pelos textos dos chamados discípulos. Nesse sentido, vale assinalar o livro *Oswaldo Cruz no Julgamento dos Contemporâneos*, publicado em 1972, que é uma coletânea de artigos publicados no período de 1917 a 1922, referência básica para a elaboração deste trabalho.

É interessante notar que, em diferentes épocas, muitos artigos escritos no período imediatamente posterior à morte de Oswaldo Cruz foram sucessivamente reeditados.

Do ponto de vista do conteúdo, é possível dividir esta literatura em dois grupos: o de ensaios e artigos (incluindo os necrológios publicados nos jornais) e as biografias.

Verificamos que, apesar das diferentes formas de abordar a vida de Oswaldo Cruz, no essencial a interpretação que se dá aos fatos é semelhante. Os artigos e ensaios detêm-se, de modo geral, em certos aspectos da trajetória profissional, destacando as qualidades de cientista, *fundador da medicina experimental* no Brasil. Por outro lado, exaltam a sua face de higienista competente, a que atribuíram o título de *o saneador* do Rio de Janeiro e do Brasil.

As biografias têm outro padrão de apresentação dos assuntos, não ficando circunscritas aos temas do grupo anterior, que se parecem com um retrato 3 x 4.

Identificamos cinco biografias e pudemos proceder à leitura de três; as outras duas não foram localizadas.

Além de abordarem aspectos da trajetória profissional de Oswaldo Cruz, as biografias procuram abranger a origem social e a vida familiar. Em que pese o tratamento mais extensivo que as biografias procuram dar à vida de Oswaldo Cruz, este grupo de textos não traz inovações

substantivas em relação aos que haviam sido publicados anteriormente, em especial aqueles escritos logo após a morte do biografado. Com uma seleção criteriosa de determinadas passagens e fatos, reproduzem as versões existentes.

O médico e amigo de Oswaldo Cruz, Sales Guerra, apresenta uma explicação convincente para esta questão. Logo na introdução da biografia que escreveu, chama a atenção do leitor para a inevitabilidade da repetição dos fatos em trabalhos deste gênero. Percebe, contudo, uma vantagem na repetição, que é a de “abrir na memória de cada um sulcos mais profundos, onde se aninhará e permanecerá mais tempo a grata lembrança do grande higienista” (Guerra, 1940:24).

Ou seja, o autor assinala um veio importante desta literatura: a sua função pedagógica, de resto intenção explicitamente reconhecida por todos os biógrafos de Oswaldo Cruz. De fato, as biografias têm um profundo conteúdo moralizante, pois entendiam seus autores que a vida de Oswaldo Cruz era “uma fonte de lições e exemplos edificantes”. Sales Guerra justifica o livro que escreveu afirmando que Oswaldo Cruz “foi modelo irradiante de trabalho, de civismo, de bondade, de inteireza de caráter, de abnegação até ao sacrifício” (Guerra, 1940:20).

É interessante notar que, entre os biógrafos, o único que declara explicitamente ter mesclado ficção e realidade é Phocion Serpa, que considera esta forma de abordar o assunto um meio eficaz de atrair o público infanto-juvenil, o qual desejava atingir. Reconhece Phocion Serpa que, apesar de não ter falseado os fatos, “polvilhou a narrativa com um pouco de fantasia, para adorná-la e torná-la mais atraente”. Acredita que o gênero do conto de fadas é muito eficiente para educar as mentes infantis, sendo a fantasia tão necessária à formação dos jovens quanto a verdade (Serpa, 1937).

A partir de tais declarações, pode-se imaginar o resultado de seu trabalho: mesmo com a advertência de que é uma obra ficcional, o livro é, entre todos os que consultei, o mais exageradamente laudatório e, não é demais dizer, quase delirante.

Apresentam estas biografias um outro aspecto bem relevante para os propósitos deste trabalho, vez que tentam fornecer uma interpretação dos fatos de modo a imputar uma coerência à história de vida *ex post factum*, como se ela houvesse transcorrido de forma linear e ascensional na direção do sucesso. Assim, a vida de Oswaldo Cruz, na palavra de seus biógrafos, tornou-se uma trajetória perfeita em termos de objetivos, determinação e vitórias pessoais.

Vale assinalar que, apesar de não constituírem as fontes mais importantes sobre a vida de Oswaldo Cruz, suas biografias são consideradas uma versão autorizada dos fatos, sendo constantemente citadas. Porém, como já assinalamos, tivemos a oportunidade de observar que, do ponto de vista do conteúdo, a diferença é muito pequena entre elas e os ensaios e artigos que foram publicados logo após a sua morte.

A idéia geral que transparece das biografias é a de interpretar a vida de Oswaldo Cruz como se fosse dividida em duas fases, cujo critério de distinção é a visibilidade pública. A primeira fase corresponde à vida privada, à família e ao momento inicial de sua profissionalização. Na interpretação dos biógrafos, o período corresponde à preparação para a fase seguinte, em que o biografado sai do anonimato diretamente para o centro do cenário político, a partir de 1903, quando passou a ocupar o cargo de diretor da Diretoria Geral de Saúde Pública e do Instituto de Manguinhos.

Muitos fatos da vida de Oswaldo Cruz são pouco esclarecidos, permanecendo uma série de “zonas de sombra” que necessitam de investigação mais apurada, pois nem mesmo as biografias mais extensas fornecem as respostas adequadas.

Para completar as informações que vimos resumindo sobre o conjunto de textos analisados, faz-se necessário acrescentar alguns comentários sobre os autores e as datas das edições de seus trabalhos.

Como já se disse, entre os anos de 1917 e 1922 publicaram-se diversos textos – a maior parte de autoria dos discípulos, como Carlos Chagas, Artur Neiva, Ezequiel Dias, Belisário Pena, Clementino Fraga –, visivelmente escritos sob o impacto da emoção provocada pelo desaparecimento do cientista. Talvez, por isso, constituam o conjunto mais significativo de textos que concorreram para a construção do mito de Oswaldo Cruz, nos quais aparece de forma explícita a convocação ao culto da memória.

Além destes textos, localizamos como referência importante do período um volume da revista *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, publicado em 1922, comemorativo do centenário da Independência do Brasil, em que constam artigos de Carlos Chagas e Ezequiel Dias, escritos em homenagem ao cientista. Neste mesmo ano, Belisário Pena escreve, também em homenagem a Oswaldo Cruz, *Impressões de um Discípulo*, coletânea que reúne textos publicados desde 1916, quando Belisário Pena afirma ter aderido à idéia do saneamento rural.

Após esta data, as referências mais importantes são as biografias publicadas nos anos 30. A primeira, escrita por Phocion Serpa, é de

1937 e recebeu o sugestivo título de *A Vida Gloriosa de Oswaldo Cruz*. O autor era membro da Academia Carioca de Letras e funcionário da Saúde Pública. Ainda neste ano veio à luz outra biografia, com o curioso título de *O Romance de Oswaldo Cruz*, de autoria do médico Gastão Pereira da Silva.

Em 1940, a Editora Vecchi lançou *Vida e Obra de Oswaldo Cruz*, do médico Sales Guerra, que é considerado o melhor trabalho do gênero. A outra referência identificada foi a biografia intitulada *Oswaldo Cruz, Vida e Obra*, escrita em 1944 pelo médico Antônio Austregésilo, contemporâneo de Oswaldo Cruz, e publicada pelo Departamento de Imprensa Nacional. O último título levantado desta série biográfica, *Vida e Obra de Oswaldo Cruz*, do médico baiano Clementino Fraga, que apresentava-se como um dos discípulos de Oswaldo Cruz, foi publicado bem mais tarde, em 1972, pela Editora José Olympio.

Entre os vários textos da década de 50, destacam-se os dos discípulos Henrique Rocha Lima, Henrique Aragão e Olímpio da Fonseca, os dois últimos escritos por ocasião da comemoração do cinquentenário de fundação do Instituto Oswaldo Cruz, no ano de 1950.

Henrique Aragão publicou, na revista *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, um artigo em que procurou revelar as qualidades ímpares de Oswaldo Cruz como *mestre e chefe de escola*. A par do perfil do mestre, Aragão esforça-se por fazer um retrato mais amplo do Instituto durante os anos iniciais, que denomina de heróicos. Assim, recorda alguns episódios, descreve o espaço físico de que dispunha o Instituto e as transformações que este sofreu ao longo do tempo, bem como relata aspectos da convivência entre os técnicos aprendizes e Oswaldo Cruz.

Decerto os discípulos elegem como objeto privilegiado de suas recordações a fase conhecida como heróica, porque a consideram exemplar quanto aos objetivos e funcionamento da instituição, mas também porque a julgam perfeita do ponto de vista das relações pessoais, pautadas na harmonia e solidariedade coletivas.

Certamente a idealização das relações no passado não corresponde exatamente à realidade, como se pôde ver no capítulo 3, mas encontra sentido se iluminada pela ideologia que heroificou Oswaldo Cruz. É parte constituinte do mito reportar-se a um tempo edênico, que corresponde ao período de vida de Oswaldo Cruz, e que não se repetiria após o seu desaparecimento.

O artigo escrito por Olímpio da Fonseca, que foi diretor do Instituto de Manguinhos nos anos 50, é dedicado à comemoração do centenário

de nascimento do ex-presidente Rodrigues Alves e, como já disse, do cinquentenário da fundação do Instituto. O autor procura focalizar a importância da relação existente entre Oswaldo Cruz e Rodrigues Alves, que permitiu a ambos realizarem os objetivos que tinham em comum e cujo resultado foi o saneamento e embelezamento da cidade do Rio de Janeiro⁴⁰.

Um dos mais antigos pesquisadores do Instituto, Henrique Rocha Lima, escreveu um artigo intitulado “Com Oswaldo Cruz em Manguinhos”, que seria publicado na revista *Ciência e Cultura* em 1952 e, posteriormente, reproduzido em *Oswaldo Cruz Monumenta Histórica. Campanhas e Inquéritos Sanitários*, de Edgar Cerqueira Falcão, obra que consultei. O relato, que é um dos menos laudatórios entre os que localizei, nem por isso mostra-se menos emocionado ao recordar a convivência do autor com Oswaldo Cruz em Manguinhos durante os primeiros anos do século XX, cuja evocação procura recuperar os aspectos da experiência vivida pelo grupo pioneiro dos pesquisadores do Instituto em seu aprendizado científico ao lado de Oswaldo Cruz.

Durante a década de 50, identificam-se outras referências bibliográficas, menos importantes do que as mencionadas: trata-se, em geral, de textos eventuais, discursos pronunciados em variadas solenidades institucionais. Vale, porém, mencionar as iniciativas do médico Ivolino de Vasconcelos, presidente do Instituto Brasileiro de História da Medicina, que entre outros textos empenhados em registrar a memória da história da medicina brasileira, publicou, em separata da *Revista Brasileira de História da Medicina*, no ano de 1956, dois trabalhos dedicados a Oswaldo Cruz: o folheto sobre o monumento a Oswaldo Cruz, já mencionado no capítulo 2 deste trabalho, e um segundo, dedicado a relembrar a importância do famoso clínico Francisco de Castro na vida de Oswaldo Cruz. Atribuiu-se a este clínico a viagem para a especialização em microbiologia que Oswaldo Cruz fez no Instituto Pasteur, seguindo

⁴⁰ Como o de Olímpio da Fonseca, todos os textos destacam a figura do conselheiro Rodrigues Alves e a importância da política para as realizações de Oswaldo Cruz. O curioso é que a política aparece sempre nesses textos como uma instância contaminada pela corrupção, como se estivesse desvirtuada de seus fins verdadeiros, servindo apenas à satisfação de interesses particularistas e mesquinhos. No discurso cientificista, a política deveria subordinar-se aos interesses coletivos de que os cientistas eram os legítimos representantes, devendo estes substituir os políticos profissionais comprometidos com a “politicalha” e os burocratas, que não passavam de apadrinhados do clientelismo vigente. A dimensão política é referida como uma instância de ratificação e legitimação dos projetos de intervenção social dos médicos.

um conselho seu. Consta que Francisco de Castro, por ocasião de uma visita ao pai de Oswaldo Cruz, o higienista Bento Gonçalves Cruz, tivera uma intuição sobre as habilidades do jovem médico ao vê-lo fazendo experiências num laboratório que mantinha no porão de sua casa⁴¹.

Durante a década de 60, registra-se a *Biocronologia*, de autoria do médico e escritor Pedro Nava, publicada na revista *Brasil Médico* em 1962. Nos anos 70, *Oswaldo Cruz no Julgamento dos Contemporâneos* foi publicado por iniciativa da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Fundação Getúlio Vargas, para comemorar, em 1972, o centenário de nascimento de Oswaldo Cruz. Trata-se de nova publicação de textos reunidos, escritos, em sua maioria, entre os anos de 1917 e 1922, que inclui os artigos de Henrique Aragão e Olímpio da Fonseca, escritos posteriormente, e a conferência de Rui Barbosa sobre Oswaldo Cruz, proferida em junho de 1917, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Resta indicar as publicações da coleção *Brasiliensia Documenta*. Sob o título de *Oswaldo Cruz Monumenta Histórica*, Edgar Cerqueira Falcão, médico e também historiador da medicina no Brasil, editou em 1974 uma obra de referência obrigatória sobre Oswaldo Cruz, em dois volumes

⁴¹ Consta, ainda, que Francisco de Castro, quando Oswaldo Cruz regressou de Paris, convidou-o para trabalhar com ele na Faculdade de Medicina, convite que foi recusado. A referência a esta relação com Francisco de Castro pode ser compreendida como uma entre outras maneiras que foram encontradas para legitimar a carreira profissional de Oswaldo Cruz: conferia-se-lhe a chancela de um ilustre representante de Faculdade de Medicina, instituição a que ele pertenceu somente como aluno. A relação entre esta instituição e o Instituto, conforme mencionamos no capítulo 1, foi marcada pela tensão própria à competição entre uma escola tradicional de formação dos médicos e uma instituição que se organizou não como um lugar alternativo, mas como um espaço superior e complementar que se dedicava à formação de um tipo de profissional que, diziam, a faculdade não tinha competência para fazê-lo. Segundo Henrique Rocha Lima, ao desenvolver-se como um instituto de pesquisas, Manguinhos ameaçava a posição de certas “sumidades médicas” da época, “habituidas a doutrinar segundo conceitos da era pré-bacteriológica”. Tais médicos não raro deixavam transparecer a aversão que sentiam pela “revolução em marcha” provocada por Oswaldo Cruz e Manguinhos, que “abalavam os alicerces em que se assentavam as suas doutrinas” (Lima, 1974:28). Neste mesmo trabalho, Rocha Lima cita uma carta em que Oswaldo Cruz faz inúmeras restrições à Faculdade de Medicina, afirmando que “a faculdade é um ambiente limitado, sufocador das legítimas aspirações de quem trabalha com um intuito prático. A falta de recursos materiais, as lutas internas, a indisciplina e a natureza mesma do cargo de professor, como é encarado entre nós, fecham por completo a porta a qualquer tentativa profícua para o levantamento do nível científico de nosso caro Brasil. No fim de algum tempo, o professor, que não é cercado do bem-estar a que tinha direito, limita-se a preparar as lições mais ou menos teoricamente e vai procurar na clínica ou alhures os meios de proporcionar, não conforto à sua família, mas os indispensáveis meios de subsistência”. (Cruz *apud* Lima, 1974:34). Por esta carta vê-se que Oswaldo Cruz não nutria qualquer simpatia pelo ambiente da faculdade, desacreditando, inclusive, de que ele fosse um lugar propício à produção de conhecimento.

intitulados: *A Incompreensão de uma Época, Oswaldo Cruz e a Caricatura, e A Escola de Manguinhos, Campanhas e Inquéritos Sanitários*.

Faz igualmente parte desta coleção o livro de Olímpio da Fonseca, editado também neste mesmo ano, com o título de *Escola de Manguinhos*. O livro, que pretende ser um relato histórico sobre o Instituto Oswaldo Cruz desde a sua criação, não institui uma abordagem diferente das que já tinham sido propostas, exceto pelas informações a respeito da organização dos laboratórios e das pesquisas que se desenvolveram desde o início de Manguinhos até os anos 50. Inclui, ainda, entre alguns relatórios de viagens científicas pelo interior do país, de que participou o autor, o relatório da viagem de Oswaldo Cruz à Amazônia em 1910.

A análise que procuramos fazer desta bibliografia demonstra a sua relevância no sentido de perpetuar o nome de Oswaldo Cruz. Pode-se dizer que ela é responsável pela construção e consolidação de representações que alimentaram o imaginário social brasileiro a respeito do cientista. Estes textos constituíram-se num poderoso veículo de difusão, senão de todos, pelo menos de alguns dos símbolos mais importantes e comumente associados à figura de Oswaldo Cruz. Deles trataremos a seguir, procurando, através do discurso dos discípulos, verificar como foram construídos determinados símbolos, tentando desvendá-los e interpretá-los. Nesse sentido, nos detivemos em duas imagens essenciais que sobressaíram deste conjunto. Procuramos defini-las e sintetizá-las em dois perfis que focalizam a face pública de sua vida: o saneador e o cientista.

Oswaldo Cruz será o nosso *In hoc signo vinces*

Oswaldo Cruz será o nosso *In hoc signo vinces*, resplandecente e glorioso em que nos encontramos envolvidos pela sua morte.

Artur Neiva, 1917

Como explicar o êxito alcançado por Oswaldo Cruz? Esta indagação central motiva o trabalho dos memorialistas, os quais procuram responder o que julgam ser um fenômeno incomum. Quem, em tão curto espaço de tempo e tão jovem, já proporcionara tamanhos benefícios ao país? Como conseguiu transformar *uma tapera* – referência à fazenda de Manguinhos onde se instalou o Instituto Soroterápico em 1900 – num *palácio das mil e uma noites*?

De forma consensual, os memorialistas explicam o êxito profissional de Oswaldo Cruz pelos seus dons pessoais. A dimensão psicológica é privilegiada pelas análises: busca-se compreender o sucesso da trajetória profissional, relacionando-a a traços de personalidade considerados invulgares.

De uma série quase inumerável de qualidades e atributos sobressaem a modéstia, a integridade do caráter, o espírito de justiça, a generosidade, a austeridade, a disciplina – traços que configuravam, de acordo com estes relatos, o talento pessoal de Oswaldo Cruz, constantemente referidos como características que compunham uma personalidade singular.

Vale ressaltar que nenhum dos relatos e biografias consultados admitem a questão do poder como um elemento importante para explicar o sucesso alcançado por Oswaldo Cruz na vida pública, ou sequer especula sobre se o poder constituía a substância real deste sucesso⁴².

Apesar de sua relevância, a temática do poder permanece em plano secundário nesta literatura, sempre subordinada ao plano da personalidade, na qual sublinham-se exaustivamente as qualidades carismáticas reveladas no âmbito profissional, cujo perfil procuram os textos *ad nauseam* retratar.

Esta série de atributos raros delineiam o que é considerado uma das maiores qualidades de Oswaldo Cruz: a de condutor de homens. Conforme a opinião de Ezequiel Dias, pesquisador do Instituto e cunhado de Oswaldo Cruz, “o mestre parecia haver nascido para mandar e comandar” (Dias, 1972:159).

Ressaltam-se as qualidades de homem de ação, a qual, para Artur Neiva, era algo raro no caráter do brasileiro, “conceito que não possuíam mais do que vinte nomes na história do Brasil desde a Independência” (Neiva, 1972:7).

⁴² De certa forma, o médico Carlos Seidl constitui exceção a esta tendência generalizada. Para ele, Oswaldo Cruz, apesar da morte prematura, “soubera viver”. “O que outros só após muitos anos e fadigas muitas vezes conseguem ele alcançou em curto tempo”. Oswaldo Cruz realizara os seus ideais, atingindo como nenhum outro no país “os píncaros da vida administrativa”. Com indisfarçável inveja do poder alcançado por Oswaldo Cruz, Seidl, que ocupava o cargo de diretor da Saúde Pública quando ele morreu, explícita, numa atitude rara, esta questão: “Diante de sua opinião inclinavam-se presidentes e ministros; dissipavam-se, à vista do seu nome, rabiscado num desalinho de letras indecifráveis, todos os obstáculos burocráticos; ante a sua proclamada impassibilidade ruíam inanes os quotidianos ataques de imprensa adversa; desmanchavam-se intrigas; invejosos desarticulavam-se em medidas lisonjeadoras; o Parlamento não media dispêndios; ele era onipotente; não pedia, mandava e era obedecido” (Seidl, 1917:318).

Nestas análises da personalidade de Oswaldo Cruz, não faltam comentários a respeito de comportamentos tidos como estranhos. Por exemplo, o hábito de Oswaldo Cruz isolar-se por longo tempo em seu gabinete de trabalho e, na penumbra, queimar substâncias, referidas como perfumes ou incensos. Com frequência, menciona-se o seu caráter místico e sonhador, um idealista com espírito de poeta, que encontrava-se desviado desta vocação de artista⁴³.

Às peculiaridades da personalidade aliava-se a singularidade do tipo físico, realçada em descrições pormenorizadas. Henrique Aragão relembra como Oswaldo Cruz sobressaía entre aqueles que viajavam no trem da Leopoldina, durante o trajeto para chegar à fazenda de Manguinhos no início do século:

A figura de Oswaldo destacava-se dentre os presentes. Havia alguma coisa de inconfundível nesse homem ainda jovem mas precocemente encanecido, e estatura meó, tez clara, o rosto fino, bigodes pretos com as pontas voltadas para cima, e um olhar a um tempo suave e penetrante. Vestia-se de preto, usando longa sobrecasaca e, na sua indumentária, fazia contraste a alva gravata de fustão cujas pontas, feito o laço, perdiam-se debaixo do colete. Cobria-lhe a cabeça uma cartola de abas recurvadas e copa demasiadamente longa para a moda da época. Cabelos compridos pretos, mesclados de fios prateados, escapavam-se em mechas indisciplinadas, por baixo das abas da cartola. Trazia sempre sob o braço volumosa pasta de couro preto, cheia de papéis e revistas científicas (Aragão, 1972:193).

Para os memorialistas, Oswaldo Cruz destacava-se naturalmente em qualquer ambiente onde se encontrasse. Pergunta um de seus biógrafos: “O que havia em Oswaldo Cruz de singular e estranho? Seria a sua

⁴³ Na época das campanhas, a oposição contra Oswaldo Cruz pejorativamente o chamou de poeta sonhador por querer implantar reformas que consideravam-se absurdas, destituídas de critérios técnicos e científicos, produtos de uma mente fantasiosa. Achavam que ele não tinha competência para tratar dos assuntos sanitários, não apenas por sua juventude, mas também porque não tinha qualquer experiência administrativa anterior. Mais tarde, seus partidários apropriaram-se desta interpretação, atribuindo-lhe uma conotação positiva, isto é, ser poeta era um atributo elogiável. Admira-se em Oswaldo Cruz a capacidade rara de reunir duas expressões especificamente humanas, que são a ciência e a arte. É freqüente citarem o prédio principal do Instituto com a maior expressão desta relação entre ciência e arte, desenvolvida perfeitamente por Oswaldo Cruz. Para eles, o prédio só podia ser produto da mente de um artista. O médico Afrânio Peixoto – em discurso na Academia Brasileira de Letras em 1913, quando Oswaldo Cruz tomou posse na cadeira do poeta e romancista Raimundo Correia – cunhou uma expressão para definir Oswaldo Cruz, que foi muito utilizada: a de que ele era “um poeta desgarrado na ação”. Divulga-se esta interpretação da perplexidade que Oswaldo Cruz provocou em seus contemporâneos: tratam-no como excêntrico, julgando extemporâneo o que conseguiu fazer em termos de ciência.

aparência anciã? Seria aquela cabeleira farta, levemente ondeda, pintalgada de fios prateados? Seriam os olhos, a sua face, os seus gestos?" (Serpa, 1937:65).

Conforme este autor, as qualidades superiores de Oswaldo Cruz revelavam-se através do físico, e por isso ele sobressaía na multidão. Produzia-se um fenômeno mítico entre o herói e os seus seguidores, que possuíam a capacidade de percebê-lo como tal. Mesmo antes de ele tornar-se conhecido e demonstrar as suas habilidades extraordinárias, estas eram pressentidas pelo povo.

Apesar do físico que atraía a curiosidade alheia, Serpa acredita, no entanto, que a particularidade de Oswaldo Cruz residia em sua personalidade, que "selecionava-o dos demais, pondo-o em evidência":

A diferença sensível era o homem em si mesmo, com os traços visíveis de sua inteligência, de seu caráter e, talvez, do seu destino, estampados já na fronte magnífica. Só as crianças e o povo possuem esta outra vista misteriosa capaz de distinguir na multidão os predestinados: heróis, mártires e santos (Serpa, 1937:66).

Apesar do evidente romantismo e idealismo desta interpretação, de certa forma ela sintetiza a opinião prevalecente entre os memorialistas.

Assim, a análise psicológica bastante explorada nesta literatura ganha novo sentido se encarada como parte fundamental da construção idealizada de Oswaldo Cruz. Herói, mártir e santo da ciência, Oswaldo Cruz nascera predestinado a realizar o que realizou: sanear o Brasil e fundar no país a medicina experimental, trabalhando para libertar a nação das doenças que a envergonhavam.

O recurso à idéia da predestinação cumpre uma função importante para a construção do mito. Ela permite que se atribua à história de vida de Oswaldo Cruz uma coerência e um sentido próprios de um modelo. Enquanto tal, é tratada como um símbolo de perfeição que deveria conduzir os atos e comportamentos dos vivos. Como já se viu, em parte desta literatura, os memorialistas descrevem a trajetória de vida de Oswaldo Cruz como o caminho da consagração, feito de sucessivas e progressivas vitórias. Sales Guerra sintetiza admiravelmente esta opinião na passagem a seguir:

Oswaldo Cruz consumiu-se no serviço da pátria: apagou-se aos 44 anos. Sua vida, cheia de exemplos dignificantes, expressão das mais raras qualidades, redigida à feição, deverá ser a leitura de cada dia, nas escolas, para suscitar imitadores daquele incomparável modelo (Guerra, 1929:299).

Na biografia que escreveu, Clementino Fraga observa que a idealização presente nestas interpretações concorre para a desumanização de Oswaldo Cruz. Em sua opinião, a interpretação de que ele era um predestinado, “com mandato nominal para vir ao mundo”, compromete o seu mérito pessoal, menosprezando os estudos e esforços que empreendeu como cientista. Afirma que a análise de sua história de vida não autoriza nenhuma ilação deste tipo, porquanto nada há nela de excepcional, nem mesmo o seu interesse pela microbiologia, fato normal para um estudante de medicina que atingira a vida profissional em plena era pasteuriana. Tampouco a sua indicação para a Diretoria Geral de Saúde Pública constituiu um fato extraordinário, podendo ser encarada como uma circunstância ocasional e feliz que “conjugava um jovem profissional com os interesses patrióticos de um governo disposto a gastar e que dispunha de cofres cheios” (Fraga, 1972:5).

Porém, como verifica-se, estes comentários não redundaram numa postura diferente de Fraga diante de seu biografado; ele mantém o mesmo tom laudatório dos demais. E mais que isto, percebe-se que, em seu trabalho, inúmeros trechos reproduzem literalmente passagens e interpretações de outros textos que lhe serviram de referência, principalmente a biografia escrita por Sales Guerra.

Vista pela lente das idealizações, a trajetória de vida de Oswaldo Cruz transformou-se numa *grande epopéia*, como afirma Henrique Autran, funcionário da Diretoria Geral de Saúde Pública, e que se considerava discípulo. Tratado como um herói, Oswaldo Cruz foi alçado ao panteão nacional brasileiro, onde deveria figurar em lugar destacado.

Um exemplo característico desta opinião é Belisário Pena, para quem em tempo algum houve na história “outro brasileiro que se igualasse a Oswaldo Cruz”, e que chegou a propor que se construísse, na capital do país, uma estátua de ouro maciço em tamanho natural, e outras estátuas em cada praça de cada cidade ou vila do Brasil. Segundo este higienista, os brasileiros deveriam homenagear Oswaldo Cruz tendo em casa a sua efígie (Pena, 1922:13).

Como discernir, na vida de um herói, entre fantasia e realidade? De nossa parte procuramos compreender, através do discurso dos memorialistas, as representações que contribuíram para tornar Oswaldo Cruz um mito da ciência brasileira. Nesse sentido, verificamos duas imagens essenciais: a do saneador e a do cientista, fundador da medicina experimental. Delas, trataremos a seguir.

O saneador do Rio de Janeiro

“Quem é esse Oswaldo Cruz, Dr. Seabra?” perguntou o presidente Rodrigues Alves ao ministro da Justiça, J. J. Seabra, que lhe apresentava o nome do cientista para ocupar a Diretoria Geral de Saúde Pública. O episódio é narrado por Sales Guerra, responsável pela indicação de Oswaldo Cruz ao ministro, de quem era médico particular.

Se na esfera governamental o cientista era um estranho, no meio médico, de acordo com o relato de Sales Guerra, acontecia o mesmo. Poucos o conheciam e tinham referência do seu consultório na Travessa de São Francisco, onde clinicava na especialidade de doenças geniturinárias e, simultaneamente, montara um laboratório de análises clínicas.

Sales Guerra assinala que havia sido convidado para ocupar o cargo, mas declinara do convite argumentando não possuir especialização neste campo. Além disso, confessou ao ministro que não possuía vocação para ser funcionário público e que não abandonaria a clínica privada. Nesta oportunidade, comentou com o ministro a respeito da campanha sanitária contra a febre amarela que acabara de se realizar em Cuba, utilizando o método novo de combater mosquitos considerados os transmissores da doença. Assim, aproveitou para falar de Oswaldo Cruz, dizendo que conhecia um médico brasileiro que interessava-se pelo assunto e acompanhara a campanha dos médicos norte-americanos em Cuba.

Conforme a versão de Sales Guerra, esta é a história da nomeação de Oswaldo Cruz para a Diretoria Geral de Saúde Pública, onde tomou posse no dia 23 de março de 1903. Segundo Sales Guerra, Oswaldo Cruz não tomou conhecimento da articulação feita em torno de seu nome até o momento em que foi levado à presença do ministro, que quis conhecê-lo.

A narrativa que resumimos é exemplar de como a trajetória de vida de Oswaldo Cruz foi tratada pelos memorialistas. Nesta situação, assim como em outros episódios, muitos pontos ficaram obscurecidos pelo argumento central, que acentua o caráter fortuito da nomeação de Oswaldo Cruz. O relato silencia, por exemplo, sobre a existência de outros possíveis candidatos e sequer esclarece se houve algum tipo de apoio político para além da indicação de Sales Guerra ao ministro. Sabe-se apenas, através de Sales Guerra, que o presidente da República consultara o filho, Oscar Rodrigues Alves, médico recém-formado, sobre Oswaldo Cruz, de quem recebeu as melhores recomendações.

Da mesma forma, não encontra-se qualquer comentário a respeito da exoneração de Nuno de Andrade, que então ocupava a direção da

Diretoria Geral de Saúde Pública. Afinal, tratava-se de um médico de prestígio, professor catedrático da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e presidente da Academia Nacional de Medicina. Era de se esperar que o episódio merecesse dos biógrafos um tratamento mais aprofundado. Afinal, em pouco tempo Oswaldo Cruz conseguiu deslocar de postos importantes no aparelho governamental de saúde não apenas Nuno de Andrade, mas também, um pouco antes, em dezembro de 1902, o diretor do Instituto Soroterápico Federal e diretor do Instituto Vacínico Municipal, Barão de Pedro Afonso.

Em 1900, o Barão de Pedro Afonso – por indicação do diretor do Instituto Pasteur, Emile Roux – convidara Oswaldo Cruz para trabalhar como técnico na produção de vacina antipestosa no Instituto Soroterápico Federal, que iria construir. Consta que, após uma série de desentendimentos de natureza técnico-científica quanto à fabricação da vacina, Oswaldo Cruz pediu demissão. Não se sabe como, ao final do caso, ele conseguiu que o chefe da Diretoria Geral de Saúde Pública, Nuno de Andrade, decidisse empossá-lo como diretor do Instituto, exonerando uma figura de prestígio como o Barão de Pedro Afonso⁴⁴.

A omissão ou o não esclarecimento de determinados fatos da vida de Oswaldo Cruz demonstram uma tendência dos memorialistas a despolitizá-los. Esta disposição, no entanto, não é gratuita. Como já se assinalou, esta forma de encarar os fatos permite enfatizar os dons pessoais de Oswaldo Cruz, que prevalecem como fator de explicação neste caso como em outros casos, de acordo com a interpretação dos memorialistas.

Reforça-se a singularidade de Oswaldo Cruz no cenário médico daquele momento. O anonimato é referido como uma condição louvável, na medida em que significava independência em relação a qualquer grupo político. Assim, Oswaldo Cruz não se confundia com a “politicalha vigente” no serviço público.

Em que pesem o poder e o prestígio do cargo de diretor da Saúde Pública, os memorialistas afirmam que Oswaldo Cruz aceitara o convite do ministro movido por sentimentos altruístas voltados para a causa pública. Esta ascensão é tratada como se fosse destituída de ambições

⁴⁴ Note-se que, na versão dada ao caso pelos memorialistas, o barão é retratado como um médico atrasado, antigo, que não possuía conhecimentos científicos modernos sobre o processo de fabricação da vacina antipestosa. Afirmam que, após a posse de Oswaldo Cruz no cargo de diretor, ele introduziu novas técnicas que revolucionaram o processo de produção da vacina, considerada a partir de então como uma das melhores do mundo em termos de eficácia e pureza.

peçoais, sentimento identificado nos outros, mas de que ele estaria imune. Por outro lado, frisam os relatos, a carreira pública de Oswaldo Cruz não contara com o concurso de articulações políticas, tidas de maneira geral como espúrias, que, se ocorreram, eram da responsabilidade de um terceiro, nunca envolvendo ele próprio⁴⁵.

Pressente-se nesta posição uma representação negativa da política: os textos desejavam preservar a imagem do cientista das características atribuídas à atividade política, como corrupção, clientelismo, ineficiência, entre outros conceitos pouco meritórios.

O próprio serviço público, como assinala Sales Guerra, sofria as conseqüências desta situação. Tornara-se um instrumento de suborno eleitoral, admitindo “indolentes, caçadores de emprego, parasitas que só queriam um emprego em que não trabalhassem” (Guerra, 1940:59).

Na comparação entre política e ciência, esta última passa a configurar o ideal em termos de administração, mostra-se capaz de conferir regras para a instauração da moralidade no serviço público. Sales Guerra afirma que o provimento de cargos deveria obedecer ao critério da eficiência técnica e a admissão deveria fazer-se através de concurso público, em que se recrutariam “especialistas que colaborariam com reformas úteis” (Guerra, 1940:59). Evidentemente o médico está se referindo a Oswaldo Cruz como um modelo da probidade, o qual foi introduzido em sua gestão na saúde pública.

Dentro desta linha de interpretação que procura marcar a singularidade de Oswaldo Cruz como o motivo principal de sua ascensão profissional, os memorialistas destacam outra questão. Se Oswaldo Cruz era um médico anônimo no Brasil, no exterior era um cientista renomado. Não fora o prestígio de que gozava junto ao Instituto Pasteur o responsável por sua indicação ao Barão de Pedro Afonso?

Segundo os memorialistas, o episódio demonstrava de forma indiscutível o reconhecimento da competência científica de Oswaldo Cruz, que recebia o aval de uma instituição européia consagrada. O depoimento de Phocion Serpa é representativo desta posição:

É o professor Roux quem fala, é a autoridade incontestável de um cientista eminente quem designa e aponta Oswaldo Cruz ao respeito de seus

⁴⁵ Vale lembrar, nesse sentido, a versão sobre a nomeação de Oswaldo Cruz para a prefeitura de Petrópolis em 1916, citada no capítulo 2. Sabe-se somente que seu amigo e pesquisador do Instituto, Figueiredo de Vasconcelos, negociou a indicação junto ao governador do estado do Rio, Nilo Peçanha.

patricios. O diretor do Instituto Pasteur é uma personalidade universal, sua palavra não permite dúvidas, sua indicação foi aceita imediatamente (Serpa, 1937:76).

Em outros termos, os memorialistas promoveram uma compensação para o anonimato de Oswaldo Cruz no país. Deram-lhe como prêmio o reconhecimento científico no estrangeiro, este sim, causa eficiente de seu sucesso profissional. O ingresso de Oswaldo Cruz no serviço público e sua ascensão à dupla direção da Diretoria Geral de Saúde Pública e do Instituto Soroterápico, que lhe era subordinado, deveu-se ao mérito e não à “mediocridade apadrinhada” (Barbosa, 1972).

Quem mais naquela momento poderia ostentar tal distinção?

A imagem do saneador do Rio de Janeiro e do Brasil construída pelos memorialistas compõe-se de alguns traços que enfatizam determinados aspectos da trajetória profissional de Oswaldo Cruz. Entre suas variadas ações à frente da Diretoria de Saúde Pública, onde permanece de 1903 a 1909, o combate à febre amarela é o tema realçado. A queda nas taxas de mortalidade e morbidade da doença no Rio de Janeiro, em menos de três anos, foi considerada uma façanha extraordinária, pela qual o higienista fez jus ao título de saneador.

Alguns textos chamam a atenção para o fato, afirmando que a obra saneadora de Oswaldo Cruz não se restringia a esta campanha: abrangia igualmente o combate à peste em Santos em 1899, e, posteriormente, no Rio de Janeiro.

Outras ações não menos importantes são relacionadas pelos memorialistas: a campanha em favor da obrigatoriedade da vacina antivariólica; os planos de profilaxia da tuberculose, enviados ao Congresso Nacional em 1907; a implantação da higiene domiciliária; o serviço de agressão e defesa profiláticas; a reorganização dos serviços sanitários dos portos. Estas e uma série de outras medidas que constavam do projeto de reforma da saúde pública elaborado por Oswaldo Cruz, em 1903, instituíram o primeiro código sanitário do país (Fraga, 1917).

Note-se que, apesar da importância do projeto de vacinação obrigatória – que teve conseqüências políticas graves, culminando no episódio conhecido como Revolta da Vacina –, a maior parte dos textos não se detém na polêmica suscitada por aquele projeto, quando a postura assumida por Oswaldo Cruz foi amplamente contestada, quer seja cientificamente, quer seja por diferentes setores sociais.

A menção ao fato é utilizada para configurar o contraste existente entre as propostas inovadoras do cientista e o contexto social avesso a

elas. A rebelião popular contra o projeto da vacina obrigatória, capitaneada pelos positivistas, é apresentada como uma atitude obscurantista e irracional, reveladora da incompreensão e da ignorância vigente, responsáveis pela violência que dominou a cidade do Rio de Janeiro.

Embora Oswaldo Cruz tenha orientado e dirigido uma campanha contra a febre amarela na cidade de Belém do Pará, em 1910, de fato o assunto preferencial é a vitória sobre a febre amarela no Rio de Janeiro, que, consideram os biógrafos, representou um marco no *progresso e na civilização do Brasil*.

A matéria da revista *Brasil Médico* – o mais importante periódico médico da época, de propriedade do prestigioso clínico e professor Azevedo Sodré – publicada em homenagem a Oswaldo Cruz após a sua morte, sintetiza o significado conferido a esta campanha:

O que isto é, o que isto foi, a geração de amanhã nunca saberá bastante, ou exatamente: a nossa geração, a que nos precedeu e apesar dos anos crescidos guarda memória, poderá dizê-lo ainda com vergonha e horror. Havia mais de meio século, desde 1849, que se apossara de nós a febre amarela. Todos os anos, quase sem interrupção, neste menos, mais naquele, inexoravelmente, o flagelo nos ceifava impiedosamente milhares de vítimas: em média, só na cidade do Rio de Janeiro morreram, desde este tempo, cerca de 60 mil pessoas, ou exatamente, até 1908, 59.069 amarelados, o que dá mil vítimas por ano. Esses os que morreram; cifra muito mais numerosa a dos que escaparam mal feridos com o horror de ter fugido à morte inevitável. E essas vítimas eram a flor da nacionalidade: eram crianças, moços em plena robustez da mocidade, incautos provincianos, que vinham na capital do país achar a morte certa. Eram, principalmente, os estrangeiros fortes e válidos, em má hora buscando a vida numa atividade profícua que trabalhava pela prosperidade do Brasil, aos quais dávamos a recompensa fatal da febre amarela. E o círculo do terror que se ampliava dentro, além das praias e das serranias do país, para fugirem de nós e nos evitar lá fora, no estrangeiro, se difundia com o labéu de país pesteedo que cumpria isolar da civilização. Paquetes cruzavam os nossos mares, sem parar diante da cidade infectada, prevenidos pelo horror da febre amarela; legislações contra a imigração foram editadas na Europa para defender os nacionais contra a nação matadouro (*Brasil Médico*, 1917:51).

Tanto maior a celebração de Oswaldo Cruz quanto imenso era o estigma que pesava sobre o país desde o século passado em decorrência da febre amarela. A revista destaca as conseqüências desastrosas para a imagem do país no exterior, que afetavam as relações políticas e econômicas, ressaltando a modificação da situação após a intervenção de Oswaldo Cruz.

Os depoimentos são todos nesse sentido: realçam o papel de Oswaldo Cruz e afirmam que a campanha trouxera benefícios não apenas para a cidade do Rio de Janeiro; na prática, o Brasil inteiro havia lucrado, pois a febre amarela representava “uma negra barreira” ao progresso do país (Seidl, 1917:312). Considerava-se que só a extinção da febre amarela havia sancionado de fato a abertura dos portos brasileiros às nações amigas, medida inspirada pelo Visconde de Cairu em 1808 (Neiva, 1972:11; Barbosa, 1972).

Oswaldo Cruz inaugurou uma nova fase na história da administração pública brasileira: representou a ruptura entre o *Brasil pesteadado* e o *Brasil desinfetado*, tornando-se o *símbolo do Brasil moderno* (Barbosa, 1917).

Segundo estas interpretações, sob o impacto da ação saneadora de Oswaldo Cruz, a cidade do Rio de Janeiro transformara-se totalmente. Percebe-se nos relatos uma certa idealização das mudanças sofridas pela cidade, que, de *pocilga inabitável e pestilenta*, tornou-se uma das *cidades mais salubres, mais limpas e habitáveis do mundo*. Antes conhecida como espantinho dos estrangeiros, agora os atraía em face do progresso objetivado em avenidas e construções *fartas de luz, banhadas de sol*. O Rio de Janeiro, sob a ação redentora do saneamento, transformara-se na cidade “mais bela do mundo” (Fraga, 1917).

O vencedor da febre amarela é saudado como “um jovem anônimo” que surgira num momento propício em que “reinava a resignação”, e os governos e a classe médica eram impotentes diante da moléstia (Guerra, 1940:65).

Ao presidente Rodrigues Alves reservam-se elogios especiais. Foi considerado um estadista inigualável, exemplo de puro civismo e republicanismo, pois nomeara e sustentara um desconhecido, indicado apenas por seus méritos pessoais. O presidente demonstrou seu caráter, permanecendo “surdo diante da gritaria oposicionista, e nos momentos mais críticos, sustentou politicamente as reformas de Oswaldo Cruz” (Dias, 1972; Fraga, 1917). O Brasil tem uma dívida de gratidão com a obra de benemerência que Oswaldo Cruz e Rodrigues Alves realizaram juntos: *a redenção sanitária da capital do país*.

A *era oswaldiana* revelou um administrador público ímpar, que promovera uma ruptura nos padrões político-burocráticos vigentes até então.

Assim, discorrem as biografias longamente sobre os atributos de Oswaldo Cruz como o *condutor de homens*, o *homem de ação*, o *administrador inigualável*, que agia com *firmeza e serenidade*, sobrepondo-se às

influências dos poderosos. Nesse sentido, louva-se a atitude de independência ante as injunções políticas, que pressionavam para a indicação de médicos apadrinhados aspirantes a um emprego na Diretoria Geral de Saúde Pública. Porém, Oswaldo Cruz não cedia. No dizer dos memorialistas, ele cercou-se de gente capaz, que fora submetida a concurso público, prática pouco usual na época.

Oswaldo Cruz orientava a sua administração pelo lema que adotara quando assumiu a Diretoria Geral de Saúde Pública: Justiça e Trabalho. Ele próprio “dava o exemplo do trabalho ininterrupto e da justiça com isenção” (Pena, 1922:23).

Conforme a opinião de Clementino Fraga, Oswaldo Cruz implantou, na administração pública, “a força dos princípios salutareos, o rigor das fórmulas idôneas, a coerência das normas moralizadoras” (Fraga, 1972).

Funcionário idôneo e exemplar, Oswaldo Cruz colocava sempre o interesse público acima das contrariedades administrativas e dos melindres pessoais. Ele conseguiu cumprir o *temerário* compromisso que assumira com o governo de Rodrigues Alves – exterminar a febre amarela em três anos –, pois era um homem de “fé e de vontade” (Serpa, 1937:133).

O amigo Sales Guerra desenha o perfil exemplar do administrador:

Oswaldo Cruz revelou-se então habilíssimo condutor de homens. Dirigia com doçura, mas com firmeza. Não ordenava, recomendava ou pedia. Aos hesitantes procurava convencer pelo raciocínio, pela razão, à meia voz; desse modo em pouco tempo o seu ascendente sobre os auxiliares era absolutamente oracular (Guerra, 1929:293).

De acordo com estas interpretações, por ter implantado novas diretrizes, a administração de Oswaldo Cruz foi polêmica, atraindo contra si uma oposição implacável, jamais vista.

Um ponto central da oposição feita a Oswaldo Cruz quando assumiu a Diretoria Geral de Saúde Pública foi o método que utilizou contra a febre amarela, baseado no modelo cubano de combate aos mosquitos. A controvérsia científica que instaurou-se no meio médico e político teve como objeto central de discussão a teoria da transmissão da febre amarela por mosquitos, desenvolvida por Finlay em 1881.

Os memorialistas tratam da questão procurando demonstrar o grau de intransigência e de ignorância vigente no meio científico brasileiro. “Não parecia estarmos na aurora do século XX”, exclama Sales Guerra, referindo-se à reação que se formara contra a aplicação da teoria

havanesa, que acabara de demonstrar sua eficácia numa campanha realizada nos anos de 1901-1902⁴⁶.

Um dos principais motivos dos ataques contra Oswaldo Cruz era a defesa intransigente que ele fazia da teoria havanesa. Acusando-o de exclusivista, por só combater os mosquitos, a oposição reclamava o abandono dos antigos métodos empregados contra doença, de desinfecção de roupas, de objetos e do ambiente onde se achava o amarelento. Por não confiarem numa teoria que consideravam ainda em fase experimental, ou totalmente errônea, exigiam o uso de uma profilaxia mista que utilizasse os dois métodos.

Os defensores de Oswaldo Cruz mobilizaram inúmeras manifestações de apoio ao cientista, publicando na imprensa artigos e declarações favoráveis às medidas que ele adotava, o que significava, de certa forma, avalizar a teoria de Finlay.

Uma importante manifestação nesse sentido foi a divulgação dos resultados da experiência realizada no Rio de Janeiro pelos pesquisadores Marchoux e Simond, que compunham uma comissão enviada pelo governo francês para realizar estudos sobre a febre amarela e que permaneceu na cidade, aproximadamente, durante 20 meses. Todos os pesquisadores da comissão, assim como o diretor do Instituto Pasteur, Emile Roux, concluíram pela correção da teoria da transmissão pelos mosquitos, declarando apoio a Oswaldo Cruz através dos jornais.

Os partidários de Oswaldo Cruz acusavam a oposição de defender interesses escusos, ou porque pretendiam atacar o governo ou porque a posição conquistada por Oswaldo Cruz despertava a inveja de muitos médicos e burocratas. Além disso, as medidas que este adotara visando ao saneamento da cidade feriram interesses econômicos, atraindo contra si a ira dos proprietários de casas de cômodos e de comerciantes de alimentos, que passaram a ser fiscalizados.

⁴⁶ A título de esclarecimento dos debates da época, pode-se dizer que a opinião médica dividira-se, basicamente, entre três correntes. A que considerava possível ser o mosquito um dos vetores de transmissão da doença, pelo menos o único até então comprovado pela experiência inaugural de Havana e na experiência realizada em São Paulo, coordenada pelo médico Pereira Barreto, que chegara às mesmas conclusões que os médicos norte-americanos. A outra corrente recusava determinantemente a teoria culicidiana, afirmando a impossibilidade de tal causação. Uma terceira corrente, composta de um grupo minoritário, como admitem os relatos, defendia a teoria e apoiava as medidas empregadas por Oswaldo Cruz para combater a doença, centrada especificamente nos expurgos, os quais visavam à eliminação dos mosquitos. Essa dissidência no meio médico forneceu elementos que embasavam e fortaleciam a oposição política promovida no Congresso Nacional e difundida pela imprensa.

Assim, segundo os memorialistas, a reação despertada pelas ações sanitárias de Oswaldo Cruz foi generalizadamente qualificada como uma atitude em defesa de interesses mesquinhos. Afirmam que Oswaldo Cruz foi condenado pelos acertos, e não pelos erros. Pagou um preço muito alto por manter uma conduta irrepreensível, pautada em nobres interesses voltados para o bem-estar coletivo⁴⁷.

Sabe-se que a campanha oposicionista não restringia-se às camadas cultas, mas tomou conta de toda a cidade. Os jornais da época publicam artigos, crônicas e séries de caricaturas francamente hostis ao cientista. Oswaldo Cruz inspirou a criatividade de intelectuais e dos habitantes da cidade, que manifestavam sua opinião crítica de diferentes maneiras, como quadrinhas cantadas nas ruas, chistes e motes, pelos quais popularizou-se a figura de diretor da Saúde Pública.

A referência dos memorialistas a estas manifestações é sempre pejorativa: em geral, são elas descritas como a expressão da ignorância vigente na sociedade, incluindo as classes altas. Vale reproduzir um destes textos que expressa tal posição e retrata a reação que se criou contra Oswaldo Cruz:

Das diferentes armas, contudo, arremessadas como o responsável-mor pela infrene matança dos mosquitos, uma havia que era a preferida. Era o ridículo, o ridículo em todas as suas modalidades: ora o epigrama acerbo ora o mordaz remoque; a chacota insulsa, ou a chufa de recoveiro; a maliciosa caricatura; a ironia sutil, tendenciosa; e até o convencido, grosserias, e a própria calúnia infanda. Tudo servia. Poetas e poetaços prestavam ótimo serviço à causa. Versos picantes não rarearam nas colunas humorísticas dos periódicos. (...) Tudo servia. A música, assim como a caricatura, cumpriu cabalmente o seu dever; e o gênero

⁴⁷ Sales Guerra é um dos que bem expressa a indignação sentida pelos amigos e discípulos diante da oposição que se levantou contra Oswaldo Cruz: "homens da têmpera de Oswaldo Cruz não podem ser populares por mais que realizem. Popular é quem lisonjeia o povo, exalta-lhe defeitos e fraquezas como se virtudes fossem. Não o é o funcionário correto que, no exercício do cargo de diretor de higiene, aplica processo científico com o necessário vigor. Embora observe os ditames da justiça, ferirá fatalmente interesses e preconceitos, suscitará protestos indignados e poderá dar pretextos à revolta, como aconteceu. (...) Parece que o grave defeito do higienista como administrador para os críticos vulgares era a falta de flexibilidade, a rigidez das normas administrativas que adotou, quando apenas fazia observar prescrições regulamentares com exatidão, sem o que não pode haver higiene. Tinha ainda o senão, segundo eles, de não usar das habilidades em voga para se tornar popular, não afagava panegiristas, não empregava lubrificantes. Inacessível a engrossamentos, insensível à lisonja, não provocava, direta ou indiretamente, as tão apreciadas manifestações de apreço, espontâneas, com que os nulos ou os mediocres imaginam suprir o próprio desvalor" (Guerra, 1940:433).

“modinha” ganhou mais de uma composição, que fazia as delícias até dos cordões carnavalescos. (...) De modo que a oposição não lhe dava tréguas nem quartel. Qualquer medicastro embelecado com ciência de fancaria, qualquer ignaro labrego, um parvajola qualquer se arrogava direitos de críticos, e assumia atitudes catedráticas, e compenetrava-se de que era homem para desfazer na reputação alheia ou idônea para derrocar noções, fatos científicos, que nem por sombras lhe passavam no alcance do peço bestunto (Dias, 1972:115).

O texto de Ezequiel Dias descreve bem a proporção que assumiu a reação provocada pelas idéias e a ação de Oswaldo Cruz entre a população carioca. Sem dúvida, as fontes a que Ezequiel Dias faz referência constituem material privilegiado para a compreensão do espírito que animava a crítica da época. Verificamos, contudo, que a hagiografia oswaldiana produziu um interessante fenômeno. Percebe-se que as qualidades atribuídas a Oswaldo Cruz – exaustivamente arroladas –, se lidas às avessas, constituem a antítese da imagem que foi difundida na época por parte de seus críticos. Como no processo fotográfico, os memorialistas revelaram o retrato de Oswaldo Cruz a partir de uma imagem negativa. Assim, criaram um paradoxo: ao mesmo tempo em que procuram fixar imagens idealizadas, pode-se compreendê-las como o oposto do que se dizia a seu respeito.

Através desta leitura ao contrário, é possível compreender e conferir um sentido às qualidades que foram atribuídas ao saneador do Rio de Janeiro, principalmente, no que se referia à sua atitude ante a campanha oposicionista que intentava desmoralizá-lo. Exaltam-se a impassibilidade e a firmeza com que enfrentou a radicalização e a violência crescente que assumiram os ataques contra ele, não recuando em momento algum das medidas que adotara e demonstrando com isso uma convicção inabalável na teoria de Finlay, e, sobretudo, na ciência.

Enquanto a oposição o chamava de prepotente e qualificava de autoritário o código sanitário – apelidado de Código de Torturas –, os defensores de Oswaldo Cruz o retratam como um homem resoluto que agia com serenidade e calma. Como a oposição o acusava de estar realizando uma experiência científica tendo a população como cobaia, os partidários de Oswaldo Cruz afirmavam que suas ações eram “refletidas, não era afoito, e, tampouco, leviano”.

Oswaldo Cruz era um cientista competente; como afirma o biógrafo Phocion Serpa, “ele tinha a noção exata do que podia e não podia fazer; tinha consciência de suas atitudes” (Serpa, 1937:133).

A atitude determinada de Oswaldo Cruz demonstrava a sua superioridade. Ele extraiu, da fé que possuía na ciência, forças necessárias para resistir às adversidades que se lhe antepunham. Henrique Autran resume estas qualidades de um ser que parecia pertencer a um mundo extraterreno:

Num estoicismo digno dos mais vivos e justos aplausos, soube esse nosso grande amigo, numa sublimidade e grandeza de espírito, dando mostras de inexcedível coragem... vencer as resistências que se lhe antolhavam e, como bom timoneiro, seguiu certo a rota que se traçara pondo aos olhos do mundo o término de uma campanha de cuja vitória resultava, sem dúvida, um dos motivos de orgulho de nossa nacionalidade. Não lhe faltaram oposições e nem tampouco desgostos, e tudo ele encarava com aquela serenidade, própria dos convencidos na doutrina que professam e de que tantas vezes deu provas. Aquele que passou pelo mundo... Do mesmo modo que aquele espírito, estava identificado com as exigências da ciência de mãos dadas com as magnificências e esplendores da justiça, tinha ele o seu coração aberto aos que lhe cercavam, numa distribuição parca mas sincera de afetos, representados por um gesto simples, ressumbrando a singeleza daquela alma pura, que parecia estar fora do âmbito dos homens (Autran, 1917:59).

Oswaldo Cruz tornou-se o símbolo da vitória da ciência sobre a ignorância. Como herói, Oswaldo Cruz assemelha-se a diferentes personagens históricos, mitológicos e literários que igualmente realizaram feitos espetaculares. Além da ousadíssima equiparação estabelecida, compararam-no com Teseu, porque nos emancipou do Minotauro; ou o consideraram como o jovem Davi, que lutou contra o gigante do erro; e muitas outras imagens que simbolizam a força aliada à inteligência, como a de Napoleão da medicina indígena, e a de Hércules que executou o primeiro de seus trabalhos ao extinguir a febre amarela. E, decerto, uma identificação primordial comumente referida é a que o reconhece como o Pasteur brasileiro.

Associadas a estas imagens, conferem-se, pelo uso excessivo de variada linguagem metafórica, significados à ação de Oswaldo Cruz contra a febre amarela, como por exemplo: a luta contra o dragão, o bravo domador da morte, intrépido herói do saneamento do Brasil, porta-estandarte de uma era de regeneração, triunfador incruento etc.

Nesse sentido, observa-se um consenso entre os memorialistas: a trajetória de Oswaldo Cruz é considerada uma verdadeira *via crucis*, que aceitou com abnegação em nome da beleza das obras que imaginara. “À ridicularia e à chacota vulgar ou à mofina desrespeitosa divulgada

na imprensa”, reagia de acordo com o lema que adotara: “Não esmorecer para não desmerecer”. Agüentou todos os sacrifícios em face da “vergonha nacional” que representavam “as pestes que grassavam no país” (Serpa, 1937:146).

Assim, para além das imagens de herói guerreiro, imprime-se um sentido religioso à sua ação: tanto porque orientava-se segundo uma doutrina, como porque a sua atitude demonstrava uma disposição monástica e consagrada à ascese.

Oswaldo Cruz transformara o “cargo de sacrifícios em posto de abnegação e heroísmos, resistindo com a serenidade própria dos grandes homens ao ambiente de inveja, de despeito, de arrogância e dos potentados” (Autran, 1917:59).

O comportamento adotado por Oswaldo Cruz tinha um modelo inspirador: Pasteur. A biografia de Pasteur era “lida e relida” por Oswaldo Cruz, que procurava seguir o seu exemplo em termos de postura científica. Assim como Pasteur, ele demonstrava a dignidade da ciência, criando uma nova ética científica desconhecida entre os brasileiros. Referindo-se a esta questão, afirma o biógrafo Sales Guerra que Oswaldo Cruz “(...) detestava o preconceito, condenava os discursos científicos pela imprensa profana, assim como os discursos enfáticos nas associações médicas” (Guerra, 1940:64).

Oswaldo Cruz instaurava uma nova maneira de pensar e agir de acordo com preceitos de natureza exclusivamente científica.

Podemos indagar, ao contrário do que fazem os memorialistas, a respeito da certeza que Oswaldo Cruz demonstrou ter da teoria culicidiana, se, de alguma forma, as reivindicações da oposição, que reclamava uma profilaxia mista, não representavam uma atitude sensata. Como poderia ele alimentar tão firme convicção sobre uma teoria que passara, recentemente, por seus primeiros testes?

Para os memorialistas, no entanto, a atitude de Oswaldo Cruz justificava-se como coerente com as suas convicções e como a expressão da mais pura racionalidade científica. Não se esclarece, porém, a maneira pela qual ele tomou contato com o assunto e com a teoria de Finlay. Menciona-se vagamente que Oswaldo Cruz teria acompanhado a experiência cubana, pois sempre manifestara interesse pelo assunto. Não é, contudo, esta explicação suficiente para que se possa compreender como ele adquiriu certezas inabaláveis a respeito da veracidade da teoria sobre a transmissão dos mosquitos.

Fica-se com a impressão de que o seu interesse era uma decorrência da sua posição de cientista, que deveria estar atento a todos os assuntos referentes à ciência.

Muitos anos mais tarde, Henrique Rocha Lima – amigo e discípulo que, como vimos anteriormente, ficou afastado de Oswaldo Cruz após um sério desentendimento –, escrevendo sobre o assunto, fornece algumas informações, que, de certa forma, relativizam as versões que vimos resumindo até aqui.

Nas palavras de Rocha Lima, um século atrás era mais fácil aceitar, como causa do contágio das doenças, a influência de espíritos malignos ou a cólera divina, as emanações astrais ou ainda os miasmas atmosféricos, do que cogitar-se a respeito da existência de minúsculos organismos invisíveis e específicos a cada doença que, passando de um indivíduo doente a um indivíduo são, a transmitissem. “Mais fantástica ainda pareceria à imaginação a passagem de tais micróbios pelo corpo dos insetos sugadores de sangue que veiculassem o contágio” (Lima, 1952:16).

Rocha Lima explica que, no início do século, conheciam-se poucas bactérias, sendo a microbiologia ainda muito nova. Não havia uma diferenciação entre os tipos de agentes causadores das doenças; sob o mesmo título, classificavam-se uma série de manifestações patogênicas, como por exemplo a denominação de febres para designar doenças variadas.

Com relação à febre amarela, havia um debate científico que se desenrolava há décadas; muitas hipóteses e teorias haviam sido elaboradas, sem que, contudo, se chegasse a conclusões definitivas sobre a forma de transmissão da doença. Na passagem a seguir, Rocha Lima comenta a posição de Oswaldo Cruz neste contexto de maneira, ao que parece, bastante esclarecedora:

De acordo com os conhecimentos e com o pensamento dominante ao tempo de minhas primeiras confabulações sobre o assunto com Oswaldo Cruz, este, embora não convencido, por falta de provas, do papel etiológico do bacilo de Sanarelli, menos ainda se inclinava no sentido de uma solução para o lado da hipótese, então sem fundamento algum, levantada por Finlay, de que a febre amarela seria transmitida por mosquitos (Lima, 1952:16)⁴⁸.

⁴⁸ Giovanni Sanarelli era um médico italiano que dirigiu o Instituto de Higiene de Montevideu, onde, em junho de 1897, isolou o bacilo icteróide, considerado o micróbio da febre amarela. Segundo Benchimol, a teoria de Sanarelli era a mais respeitada internacionalmente, mas o enigma levaria ainda algum tempo para ser decifrado (Cf. Benchimol, 1990:20).

Rocha Lima situa este momento como o da véspera da experiência da comissão norte-americana em Cuba, que atuou em 1901-1902. Para ele, Oswaldo Cruz soube discernir e interpretar corretamente esta experiência assim que teve conhecimento dela, o que se deveu ao espírito científico clarividente que o caracterizava.

Apesar de incorrer na mesma idealização, evocando o espírito científico de Oswaldo Cruz para explicar sua adesão à teoria dos mosquitos, ao menos esta versão tem o mérito de introduzir uma certa relativização nas opiniões predominantes. Enquanto na maioria das interpretações insiste-se em apresentar a posição de Oswaldo Cruz como se se tratasse de uma questão de fé e clarividência, ou de intruição de sua parte sobre aquilo que é verdadeiro, Rocha Lima afirma que em um dado momento ele chegou a duvidar da teoria de Finlay. Encarado por este ângulo, Oswaldo Cruz passa a ser visto como um homem de seu tempo, e quem lhe fazia oposição como personagens menos demonizados, todos mais coerentes com o conhecimento existente na época. Fica-se, porém, sem saber qual o motivo que o levou a adotar, intransigentemente, a posição em defesa da teoria dos mosquitos, suportando os altos custos que envolveu esta decisão.

É plausível imaginar que as convicções de Oswaldo Cruz firmaram-se em decorrência de um processo de observação das experiências que realizavam-se naquele momento, não apenas a de Cuba, mas as que ocorriam no Rio e em São Paulo e que tinham como objetivo testar as hipóteses de Finlay. Assim, poder-se-ia concluir que a posição que assumiu resultou do amadurecimento coletivo de um determinado grupo de cientistas que se dispôs a verificar a teoria, pondo em prática as suas hipóteses. Criou-se, desse modo, um certo consenso científico que não foi, contudo, compartilhado por toda a comunidade científica da época. Mas como poderia ser de outra forma em se tratando de uma questão ainda circunscrita ao terreno da experimentação?

Além disso, parece legítima a composição de que, no processo de convencimento por que passou Oswaldo Cruz, influiu poderosamente o *feeling* político que o caracterizava. Por que não ousar experimentar algo novo? O que era mais arriscado: fracassar com o emprego de métodos provavelmente ineficazes ou apostar numa possibilidade de sucesso?

Visivelmente, tais indagações não fazem parte do horizonte das análises disponíveis do papel que Oswaldo Cruz terá desempenhado no cenário científico brasileiro, cujas preocupações se dirigem para um outro propósito: organizar a defesa da imagem de Oswaldo Cruz. Com este

feito organizou-se um argumento insistentemente repetido até mesmo na boa literatura atual sobre o assunto: o problema de Oswaldo Cruz foi o de sua inadequação ao contexto social em que viveu. Esta é a opinião prevalecente entre os memorialistas, de que Sales Guerra é o porta-voz:

(...) em um meio social ainda mal-educado, de pouco civismo, em que dominam idéias falsas de liberdade, onde existem apenas vagas noções de cumprimento do dever e de respeito à lei; meio semi-anarquizado em que – para citar só uma das práticas administrativas freqüentes – os dirigentes muitas vezes preferem os incapazes para favorecer protegidos, firmando assim a crença de não ser pelo trabalho, pelo preparo que se conseguem colocações, mas valendo-se de pistolões, da lisonja dos poderosos e da insistência desbriosa persistente (...) Em semelhante ambiente, a força de trabalho, o espírito de ordem, de disciplina de Oswaldo Cruz, suas atitudes dignas, a retidão de suas decisões só podiam despertar antipatia, pelo irritante contraste que formavam com as práticas relaxadas, e, não raro, pouco decorosas existentes: eram censura viva, repreensão constante. E a censura, mesmo involuntária e muda, não agrada nunca (Guerra, 1940:432).

Ou seja, Sales Guerra descreve a sociedade em que Oswaldo Cruz viveu como a antítese do que representava sua administração e, sobretudo, do seu caráter.

Assim, defende-se a idéia de que havia um contraste entre o homem e o meio, caracterizado como mal-educado, tradicional, atrasado e avesso às inovações. Tal pátria merecia tal filho? indaga perplexo Belisário Pena ao constatar o que, para ele, significava a destruição da obra de saneamento feita por Oswaldo Cruz na cidade do Rio de Janeiro (Pena, 1972:13).

Entre os partidários de Oswaldo Cruz organizou-se um consenso absoluto: ele era um homem superior ao meio em que nasceu e viveu. Para Artur Neiva, ele foi “um precursor deslocado do ambiente, ele marchava adiante de muitos anos da cultura e da civilização reinantes no país que o viu nascer” (Neiva, 1972:14).

Comportaria o Brasil um homem como Oswaldo Cruz? Em que pesem estas avaliações acerca da insensibilidade da época para com a importância de Oswaldo Cruz, pelo menos nas palavras do Conselheiro Rui Barbosa – uma das figuras mais representativas do meio político e intelectual daquele momento – está expresso o reconhecimento tão desejado pelos discípulos. A conferência de Rui Barbosa no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em junho de 1917, como já indicamos no

capítulo 2, foi organizada pelos amigos de Oswaldo Cruz, que incumbiram-se de divulgá-la como a expressão do pensamento de uma parcela das elites da época:

Suponhamos que Deus não houvesse criado o sol... (...) Para o nosso mundo toda a fecundidade, toda a beleza, toda a alegria vêm do sol. Grande criador, porém, o sol é, ao mesmo tempo, o grande putrefator (...) Aquece-nos o sangue; mas, ao mesmo passo, aviventa os germes, que no-lo destroem. Entre essas duas funções, a ignorância não sabe discernir e aproveitar. A ciência as discrimina e utiliza. Com a ciência fecunda, preserva e cria. Se Deus não nos suscitasse a missão de Oswaldo Cruz, o Brasil teria o mesmo sol, com a mesma exuberância de maravilhas, mas o sol com a peste, com o impaludismo, com a febre amarela, com a doença do barbeiro, com todas essas desgraças, até então irremediáveis, que esse homem superior ao seu tempo e ao seu país deixou extintas ou em via de se extinguirem. Dar o sol, e não dar a ciência, é deixar apenas meio sol, ou um sol malogrado: o sol, com a doença, a esterilidade e o luto. Deus nos havia dadivado o benefício do sol tropical. Com Oswaldo Cruz nos acrescentou os da ciência que o corrige. Podemos-nos congratular, agora, de termos o sol estreme dos seus descontos, o sol sem as suas malignidades, o bem-logrado sol dos países saneados (Barbosa, 1972:74).

Depreende-se destas palavras que pelo menos uma parcela das elites legitimava o discurso cientificista produzido pelos médicos, por meio do qual Oswaldo Cruz, após a sua morte, haveria de tornar-se portavoz deste símbolo da ciência nacional.

O fundador da medicina experimental

Se o saneamento do Rio de Janeiro é considerado uma obra patriótica, não esgota, contudo, o *acervo de benefícios* que Oswaldo Cruz concedeu ao Brasil. Tampouco constitui o seu principal legado. Os discípulos e memorialistas consideram como obra máxima de Oswaldo Cruz a fundação da medicina experimental, representada pelo instituto de pesquisas que criou, a sua *filha predileta*.

A importância de Oswaldo Cruz foi a de ter instituído uma *escola* de biologia voltada para o estudo etiopatogênico das doenças tropicais, inexistente até então no país, segundo o depoimento dos memorialistas. E tanto maior é o mérito quanto entendia-se que Manguinhos constituía um sonho, o ideal intangível de alguns cientistas brasileiros. Como afirma Carlos Chagas em artigo na revista *Brasil Médico*,

Era quase uma quimera, naquela época, levar tão longe aspirações de ciência, e só a visão de um predestinado poderia autorizar projeto de tanto ânimo. E foi, apesar disso, uma jornada homérica, concebida com altos desígnios e realizada sem desfalecimento (Chagas, 1917:53).

Os discípulos reconhecem que houve precursores notáveis, sobretudo no campo da parasitologia e patologia tropical, como, por exemplo, lembra Chagas: Pedro de Magalhães, Francisco Fajardo, Chapot-Prévost, para citar apenas os médicos da capital federal.

Apesar da importância atribuída à chamada Escola Tropicalista Baiana, que já no século passado dedicava-se a estudos de patologia tropical, reunindo médicos como Wücherer, Pacífico Pereira, Silva Lima e Nina Rodrigues, os discípulos entendem que ninguém tentara romper com a importação dos métodos europeus para tratar destas questões.

Conforme alguns depoimentos, até a criação do Instituto Soroterápico Federal, em 1900, as atividades de laboratório eram escassas ou quase inexistentes. Poucos médicos tinham sido adestrados nas técnicas microbiológicas ou possuíam alguma intimidade com a teoria pasteuriana.

Henrique Rocha Lima afirma que a microbiologia e a anatomia patológica eram ciências, que no início do século, no Rio de Janeiro, só eram conhecidas através de literatura. Conforme este cientista, os primeiros cursos nesta área foram ministrados pelo Instituto Oswaldo Cruz, que, a partir de 1908, instituiu regularmente o chamado Curso de Aplicação (Lima, 1952:28).

O problema dos precursores, segundo estas interpretações, fora o isolamento e a dispersão das atividades. O mérito de Oswaldo Cruz fora contrariando um padrão de ciência vigente no Brasil, o de sistematizar e congregar aptidões. Em outros termos, o valor do trabalho empreendido por Oswaldo Cruz foi o de instituir uma escola de formação de pesquisadores, tarefa que a Faculdade de Medicina não cumpria.

Artur Neiva comenta que o problema das ciências no Brasil era a importação de pesquisadores, a quem se incumbia de formar escolas. Os brasileiros eram considerados incapazes de desenvolver autonomamente o trabalho científico. Segundo o cientista, Oswaldo Cruz criticava esta situação, pondo em dúvida a capacidade de estrangeiros tratarem de assuntos de que sequer possuíam algum conhecimento. Artur Neiva traduz a opinião de Oswaldo Cruz, manifestada em conversas em que haviam tratado sobre o assunto:

[Oswaldo] pensava com toda a razão que o estrangeiro, ao tocar as nossas plagas, ficava influenciado pelas possibilidades de ganhar fortuna e sempre estava disposto a empregar sua atividade em outros campos científicos, sentindo-se com força para pontificar em assuntos que pela primeira vez viera ouvir falar nas nossas terras e isso com um desembaraço e energia dignos de melhor causa (...) [considerava] estranho especialistas neste ou naquele departamento do saber humano transformarem-se de um dia para outro em autoridades sobre assuntos que se não suspeitava pudessem saber, simplesmente pelo fato de serem estrangeiros e reputados sábios em determinada especialidade (Neiva, 1917:8).

Por este motivo, aventado por Oswaldo Cruz, não se formavam escolas e, tampouco, discípulos. Entre os cientistas importados, alguns eram realmente sábios, mas a maioria era composta de pseudo-sábios (Cf. Neiva, 1917:8).

Outra foi a atitude de Oswaldo Cruz, que, segundo Alcides Godoy, mostrou como se devia prezar os pesquisadores, consolidando o interesse pela investigação científica no Brasil. Godoy, que integrava a equipe inicial de pesquisadores desde a época do Instituto Soroterápico, fala da importância de Manguinhos para a ciência brasileira:

(...) e assim desta casa saíram os primeiros brasileiros que, com brasileiros, aprenderam os métodos da pesquisa biológica (...) Ao realizar sua obra destruiu velhos preconceitos: mostrou a capacidade de nosso povo e dos latino-americanos em geral para abordar e assimilar as ciências experimentais. Uma vez vencida esta etapa, tornou-se possível, aqui e fora daqui, criar novos centros de investigação que hoje prosperam (Godoy, 1929:306).

Por ter conseguido romper com o passado, instituindo uma nova tradição científica, Oswaldo Cruz recebeu o título de nacionalizador da medicina, que lhe foi atribuído após a morte pelo médico baiano Oscar Freire, professor da Faculdade de Medicina da Bahia⁴⁹.

A preocupação constante de Oswaldo Cruz sempre fora com o desenvolvimento de sua escola. Ele acreditava que ela era capaz de competir no terreno científico em condições equivalentes às dos especialistas do mundo civilizado. Conforme o depoimento de Rocha Lima, um dos

⁴⁹ Vale assinalar que, antes mesmo de Oscar Freire cunhar esta expressão, Oswaldo Cruz reivindicava para Manguinhos o reconhecimento que lhe cabia por ter livrado o Brasil “da tutela científica estrangeira a que nos havíamos acostumado”. Esta posição foi manifestada pelo cientista em discurso pronunciado no VII Congresso de Medicina e Cirurgia realizado em Belo Horizonte em 1912 (Cf. Guerra, 1940:635)

temas prediletos de Oswaldo Cruz era traçar planos e fazer conjecturas sobre o futuro de Manguinhos, sua projeção científica e a do Brasil (Cf. Lima, 1952:20)⁵⁰.

Mas como Oswaldo Cruz logrou transformar uma *tapera em palácio?*, perguntam-se admirados os memorialistas.

O Instituto Soroterápico era muito precário. O local e as instalações da fábrica de vacinas contra a peste não proporcionavam qualquer conforto material. Encontra-se com frequência nos textos o emprego de expressões depreciativas para descrever a pobreza do Instituto, tais como tapera, casarão, casebre, barracão, entre outras. Para os memorialistas, este tempo contrastava fortemente com o período da direção de Oswaldo Cruz, em que o Instituto sofreu transformações fundamentais e que o tornaram conhecido como o palácio da ciência, ou o palácio das mil e uma noites.

A perplexidade dos memorialistas expressa-se em longas descrições sobre a região da fazenda de Manguinhos, propriedade do governo municipal, onde o Barão de Pedro Afonso alojou o seu instituto. O assunto é explorado por quase todos os textos consultados, os quais, em relatos minuciosos, procuram realçar o impacto causado pelas transformações que o Instituto sofreu a partir da direção de Oswaldo Cruz. O trecho a seguir é apenas um entre muitos exemplos desta preocupação:

Logo após a chegada, todos os técnicos vestiam suas blusas brancas e iam para seus postos; reinava silêncio e cada qual se ocupava do trabalho que lhe competia realizar, visando o preparo da vacina e do soro antipestoso. Ao soar do meio-dia, suspendia-se o labor para o almoço na estreita varanda da Casinha da Fazenda. A mesa estava posta sobre uma meia-porta, que se apoiava sobre duas barricas vazias e era coberta, parcialmente, por uma toalha grosseira, havendo dois longos bancos de madeira de cada lado, para os convivas se sentarem. Todos se apressavam porque a comida não era muito abundante: um clássico ensopado de galinha com batatas, arroz, pão e, para terminar, algumas bananas e café ralo. Não havia motivo para que o repasto fosse demorado, e uns vinte minutos depois o trabalho já recomeçava, embora os estômagos não estivessem muito satisfeitos. Não havia jantar, e quem tivesse de ficar até mais tarde no Instituto devia trazer seu farnel ou então recorrer aos azares das frutas nas matas

⁵⁰ Em carta datada de 1906 e endereçada a Rocha Lima, Oswaldo Cruz manifesta a disposição de trabalhar nesse sentido, utilizando, como explica o destinatário, uma expressão alemã, que exorta a marchar para a frente: “Meu caro, continuemos a preparar material sólido para nosso edifício futuro. Nada há que resista ao trabalho. Havemos de mostrar que nossa pátria não é inferior à dos outros. *Vorwärts!*” (Lima, 1952:22).

adjacentes. As atividades deviam ser conduzidas com estrita economia porque o míngua do orçamento de sessenta mil cruzeiros anuais de que dispunha o Instituto não permitia larguezas, mas, apesar disso, podia-se trabalhar com relativa facilidade porque havia o essencial. Todos se adaptavam com a melhor boa vontade às circunstâncias e os trabalhos se realizavam com muita perfeição sob a fiscalização econômica do Barão que, se não admitia esbanjamentos, também não impedia os dispêndios quando justificados e necessários. Todos se sentiam satisfeitos e iam insensivelmente se apegando àquele ambiente tão novo no nosso meio que era então o de um laboratório de pesquisas (Aragão, 1972:195).

Neste cenário cuidadosamente composto, percebe-se a preocupação com certos detalhes e imagens, bastante explorados por esta literatura. Assim, valoriza-se a pobreza e os sacrifícios – inclusive alimentares – impostos àqueles homens que desejavam dedicar-se a uma atividade retratada como exótica naquele contexto. A idéia de ascese é permanente: perpassa o trecho inteiro, mas insinua-se em particular quando Aragão afirma que no trabalho de laboratório reinava o silêncio. É recorrente nos textos esta imagem da atividade científica como algo que colocava-se fora do espaço e do tempo, sobre a qual pairava um mistério indecifrável e cujos significados somente aos poucos seriam compreendidos.

O relato minucioso de Henrique Aragão evidencia a idealização destes depoimentos sobre o trabalho científico, o qual impunha uma disposição quase religiosa aos pesquisadores. E, contraste com os sacrifícios que a atividade exigia, afirmam-se o altruísmo e a alegria com que estes encaravam a situação.

Neste contexto sobressai a figura de Oswaldo Cruz, retratado como um ser dotado de qualidades superiores ao comum dos mortais, que inspirava o ambiente a partir de seus atributos ímpares. A organização de Manguinhos deveu-se exclusivamente a ele, viabilizando-se graças aos seus dotes pessoais. A criação de um instituto de pesquisas era um *projeto* acalentado por Oswaldo Cruz mesmo antes de materializar-se.

É interessante notar a referência – a passagem de Carlos Chagas acima citada – entre muitas – a Manguinhos como produto de um sonho, algo próximo da fantasia, como se a sua instituição representasse uma ação extraordinária, impossível de se concretizar. Ao mencionar o assunto, Sales Guerra diz que a edificação daquele palácio encantado e a ampliação do programa de estudos para organizar a escola de medicina experimental era o sonho dourado de Oswaldo Cruz, que conseguiu implementar o seu projeto porque era dotado de máscula energia e possuía prestígio político (Cf. Guerra, 1929:298).

Outra idéia bastante explorada é a de que tudo já estava preconcebido por Oswaldo Cruz e dependia apenas de seu empenho. Assim, os textos, e em especial as biografias, analisam a história de vida como se se tratasse de uma profecia autocumprida.

Com esta observação, não fica descartada a possibilidade de que Oswaldo Cruz tivesse cogitado criar uma instituição de pesquisas. No entanto, a questão não é colocada nestes termos. Os memorialistas referem-se a esta ambição como se toda a vida de Oswaldo Cruz houvesse sido orientada para realizar este objetivo. No trecho a seguir, Henrique Aragão apresenta esta versão reportando-se ao período inicial do Instituto Soroterápico, quando Oswaldo Cruz era apenas o técnico responsável pela fabricação do soro antipestoso, mas em que já se percebia o destino que lhe estava reservado:

Esse Instituto de Manguinhos que surgia assim, inesperadamente, sem decretos governamentais nem atos jurídicos que tivessem legalizado sua existência e que, no fundo, não passava de uma tênue exteriorização de um grandioso sonho, estava fadado, no entanto, a ter, no futuro, a mais profunda influência nos destinos científicos do Brasil. (...) era a revelação a todos de que Oswaldo Cruz ia lançar-se, decidida e corajosamente, na luta para a realização do magnífico programa que se traçara, e que até então mantivera em segredo, de dotar um dia o Brasil de uma prestigiosa escola de Biologia e Medicina Experimental. E daí em diante [Oswaldo Cruz] não teve mais um só momento de descanso, num constante esforço para obter a integral realização de tão elevado e patriótico objetivo, ao qual dedicou todas as energias de sua vida até seu completo e definitivo esgotamento (Aragão, 1972:199).

Os relatos enfatizam o plano pessoal como uma instância decisiva dos acontecimentos, sempre definidos como ocasionais, advindo por graça do destino. Mesmo antes de existir como instituto de pesquisa, Manguinhos já estaria fadado a se tornar uma instituição bem-sucedida que influenciaria decisivamente a ciência brasileira. Por sua vez, Oswaldo Cruz lançava-se à luta para cumprir o “programa que traçara em segredo” (Aragão, 1972:191-200).

Conforme a interpretação de Henrique Aragão, “a empolgação com este ideal magnífico” foi o motivo pelo qual Oswaldo Cruz aceitou o convite de Emile Roux para permanecer no Instituto Pasteur de Paris (Aragão, 1972:191).

Na rota de realização de seu ideal, Oswaldo Cruz não mediu esforços, e era indiferente aos obstáculos que se opunham ao projeto.

Avaliam os memorialistas que tanto maior foi o seu esforço quanto imaturo e inculto era o ambiente à sua volta, exigindo sacrifícios e abnegação para que a ciência se desenvolvesse. O seu mérito foi maior porque “ele começou só, partindo do nada, à maneira do Gênesis” (Fraga, 1917:6).

Estas interpretações têm como fundamento a idéia de destino e predestinação que os memorialistas tentaram evidenciar focalizando aspectos e episódios da história de vida de Oswaldo Cruz, onde estavam manifestos os sinais de suas aptidões para a ciência. Em outros termos, debruçam-se sobre a trajetória de Oswaldo Cruz com o intuito de demonstrar que ele desenvolvera um talento especial para a ciência, na medida em que manifestara uma vocação nesse sentido. Sem dúvida, este foi um componente central da imagem do cientista que desejaram construir, extensamente explorado nesta literatura, em especial pelas biografias.

Como já disse acima, a vida de Oswaldo Cruz é analisada como se se dividisse em duas fases: o anonimato e a vida pública. Em ambas, procura-se comprovar o argumento de que ele era um predestinado.

Assim, na primeira fase, o foco é a vida privada. Assume papel de destaque o círculo familiar, a que os memorialistas atribuem um papel decisivo no futuro destino do cientista. Nesse sentido, dois pontos são assinalados. Em primeiro lugar, valoriza-se a extração social da família Cruz, em que contrastavam fortemente a condição de classe média modesta com a riqueza espiritual e moral que identificam no pai e na mãe de Oswaldo Cruz. Estas qualidades constituíram, segundo os biógrafos, os melhores ensinamentos que Oswaldo Cruz recebeu, forjando um caráter sólido preparado para enfrentar “sem desfalecimentos os embates e a injustiça dos homens e da sociedade, que o impeliu a lutar sempre pela verdade”. Além disso, a família legou-lhe como uma das principais heranças o amor ao trabalho, que só ele confere “nobreza, dignidade e independência ao homem” (Serpa, 1937:25).

Em segundo lugar, sobressai a figura paterna, cujo traço biográfico é a carreira de higienista de Bento Cruz. No final do século, ele foi indicado para o cargo de chefe da Inspetoria de Higiene, posto equivalente ao que mais tarde Oswaldo Cruz ocupou na Diretoria Geral de Saúde Pública.

Conforme o depoimento de Carlos Seidl – que trabalhara com Bento Cruz na Inspetoria de Saúde –, poucas pessoas conferiam importância à influência do pai sobre a vocação de Oswaldo Cruz para a carreira pública. Seidl afirma que ele estimulava o filho a se interessar pelos

problemas de saúde pública e de higiene. Desejava que o filho cursasse o Instituto Pasteur de Paris, habilitando-se a ocupar o seu cargo na administração sanitária para “proporcionar ao Brasil maiores benefícios do que ele e os seus antecessores já haviam prestado”. Seidl completa o seu depoimento falando desta previsão auto-cumprida: “Do filho ouvi, certa vez, a confissão de bem conhecer esta antevisão paterna, onze anos depois realizada” (Seidl, 1917:319).

De acordo com os seus biógrafos, Oswaldo Cruz, revelara atração pelos *infinitamente pequenos* já na Faculdade de Medicina, onde ele fora convidado pelo professor Martins Teixeira para assumir a função de ajudante de preparador no laboratório de bacteriologia da cadeira de Higiene e Mesologia em 1888. Desenvolveu estas atividades até maio de 1890, quando o médico e catedrático Rocha Faria o convidou para trabalhar no Instituto Nacional de Higiene, que ele criara como um anexo à Inspetoria de Higiene⁵¹.

No prefácio de sua tese de doutoramento intitulada *A veiculação microbiana pelas águas*, Oswaldo Cruz explica que o tema escolhido era pertinente com a sua formação no laboratório de microbiologia da Faculdade. Conta-nos como interessou-se pela microbiologia a partir do fascínio que o microscópio lhe despertou:

Desde o primeiro dia que nos foi facultado admirar o panorama encantador que se divisa quando se coloca os olhos na ocular de um microscópio, sobre cuja platina está uma preparação; desde que vimos com o auxílio deste instrumento maravilhoso, os numerosos seres vivos que povoam uma gota de água; desde que aprendemos a lidar, a manejar com o microscópio, enraizou-se em nosso espírito a idéia de que os nossos esforços intelectuais de ora em diante convergiriam para que nos instruíssemos, nos especializássemos numa ciência que se apoiasse na microscopia. De fato, desde a primeira série do nosso curso começamos a ler e manusear livros de microscopia, procuramos exercitar-nos no manejo do microscópio, na técnica de preparações etc. Assim que adquirimos uma certa instrução nestes assuntos resolvemos estudar a microbiologia e desde logo metemos mãos à obra (Cruz, 1892).

⁵¹ Neste instituto, trabalhavam Barros Barreto, Antônio Fajardo e Henrique Tanner de Abreu, que mais tarde participaram, com Oswaldo Cruz, das reformas que empreendeu na Diretoria Geral de Saúde Pública. Abreu e Barreto foram figuras proeminentes da saúde pública, ocupando importantes posições nos órgãos de saúde a partir dos anos 20. Note-se que Rocha Faria foi um dos principais protagonistas da campanha oposicionista que se formou contra Oswaldo Cruz a partir de 1903, tendo organizado palestras na Faculdade de Medicina em que procurava demonstrar o erro da teoria culicidiana.

Oswaldo Cruz permaneceu no Instituto de Higiene até completar o curso médico em 1892. O falecimento do pai levou-o a ocupar o lugar deste numa clínica no bairro operário da Gávea. Ao mesmo tempo, começou a trabalhar na Policlínica Geral, a convite de Sales Guerra, que conhecera nesta época de sua vida. Na Policlínica, Oswaldo Cruz organizou e dirigiu o serviço de análises de laboratório, atividade que executava paralelamente ao atendimento ambulatorial.

Esta fase anônima é considerada como o período da preparação de Oswaldo Cruz para o desempenho de suas tarefas posteriores e, sobretudo, o momento em que a sua vocação foi sendo aprimorada através do encaminhamento que deu aos seus estudos.

Conta Sales Guerra que Oswaldo Cruz “abominava a clínica domiciliária”. Ele a exercia apenas como um meio de sustento indispensável para a família, já que sua grande paixão, a adorada bacteriologia, não garantia a sobrevivência (Guerra, 1940:31).

De qualquer maneira, quando Oswaldo Cruz foi para o Instituto Pasteur de Paris, onde permaneceu de 1893 a 1896, procurou organizar um programa de estudos em que privilegiou as técnicas microscópicas e a bacteriologia, como havia se proposto ao defender a tese de doutoramento.

Sales Guerra conta que amigos o aconselharam a fazer alguma especialidade clínica paralelamente aos estudos de microbiologia, pois insistiam com ele sobre as limitações deste campo de trabalho no Brasil. Por isso, Oswaldo Cruz denominava a bacteriologia de ingrata, tendo sido obrigado a especializar-se em urologia em Paris (Cf. Guerra, 1940:31).

A fase de Paris é considerada sumamente importante. Ela é vista não apenas como parte da preparação de Oswaldo Cruz, mas sobretudo porque foi neste período, ainda muito jovem, com 23 anos, que Oswaldo Cruz obteve o reconhecimento científico externo, pelo desempenho que demonstrou no Instituto Pasteur. Os memorialistas indicam como evidência deste reconhecimento os convites que recebera de Roux e de Metchnikoff para trabalhar com eles.

Nos comentários sobre este período, os biógrafos ressaltam não apenas o desempenho, mas a disposição de Oswaldo Cruz de dedicar-se integralmente ao estágio de estudos, demonstrando uma virtude ímpar, vez que permaneceu três anos “sem distrair a atenção e os pensamentos”, logo em Paris, onde a maioria procurava divertir-se (Serpa, 1937:52).

Ao regressar ao Brasil em 1896, Oswaldo Cruz estava pronto para cumprir o seu destino. Como salienta o médico Olímpio da Fonseca,

ele tivera a oportunidade de estudar na mais pura tradição pasteuriana, privilégio que poucos podiam ostentar no Brasil (Fonseca, 1972)⁵².

À consagração no exterior, num primeiro momento, não correspondeu o reconhecimento imediato no Brasil. Após o seu regresso, continuou Oswaldo Cruz a ser um obscuro clínico, pouco conhecido no meio médico do Rio de Janeiro. Porém, assinalam os memorialistas, a sua estada no Instituto Pasteur valeu-lhe a indicação para trabalhar no Instituto Soroterápico.

Já nesse momento Oswaldo Cruz demonstrava habilidade e qualidades técnicas raras, prova do talento que possuía para a atividade científica. Os testemunhos assinalam que ao chegar no Instituto Soroterápico, Oswaldo Cruz sobressaiu entre os demais técnicos. No trecho a seguir, Henrique Aragão explica por que isto aconteceu:

Logo que foram iniciados os trabalhos, naqueles pequenos laboratórios improvisados em velhas casinhas, patentearam-se aos olhos de todos a personalidade rara, o alto saber e as exímias qualidades de chefe que possuía Oswaldo e que o conduziriam, seguramente, no futuro, a feitos e vitórias sem par nos anais científicos brasileiros. Suavemente, mais pedindo do que mandando, ele ia conduzindo com segurança e método o ritmo do trabalho e instruindo os seus primeiros auxiliares que ele preferia ignorantes em bacteriologia ou outro assunto de pesquisa, mas inteligentes e prestimosos, fossem eles médicos, estudantes ou simples serventes. Exigia o maior rigor de técnica em todos os trabalhos (...) Ele próprio os executava primeiro, desde uma simples lavagem do material, uma esterilização, o preparo de um meio de cultura, um trabalho em vidro, ao maçarico, uma coloração, uma pesada, um exame de microscópio. (...) Não permitia simplificações prejudiciais ao rigor do trabalho (...) Resolvia as dificuldades com decisões seguras e sem precipitação; animava e encorajava o trabalho de cada um dos seus auxiliares (...) E ele era ao começo quase um desconhecido, foi-se aos poucos impondo ao respeito e à consideração de todos os demais que, lhe apreciando as raras qualidades de um perfeito condutor de homens, anteviam que seria um dia chefe de alguma coisa maior e muito mais importante do que aquele modesto laboratório de preparação de soro profilático (...) No seu íntimo, Oswaldo também pensava assim, mas até então não exteriorizara sua convicção a esse respeito (Aragão, 1972:198).

⁵² Quanto a este ponto, vale assinalar, os biógrafos divulgaram uma informação que não corresponde à verdade: a de que ele fora o primeiro brasileiro a frequentar o Instituto Pasteur. Sabe-se que, antes dele, outros médicos brasileiros tinham estado lá. É evidente que conferir-lhe esta prerrogativa tem como objetivo atribuir um sinal de distinção à sua formação científica no cenário médico brasileiro.

É interessante notar que, além das qualidades técnicas ímpares, Henrique Aragão chama a atenção para o fenômeno visionário que tomava conta daqueles que se acercavam de Oswaldo Cruz, por força do qual todos pressentiram que ele seria um grande homem.

A capacidade científica de Oswaldo Cruz ficou plenamente demonstrada somente quando ele assumiu a direção do Instituto, que sofreu uma transformação qualitativa tanto em termos físicos, com a construção de novos prédios, como na implementação de um *programa* de pesquisa que ele organizou e conduziu. A partir desse momento, Oswaldo Cruz promoveu, na opinião dos memorialistas, uma inflexão na história científica brasileira, fazendo jus ao título de fundador da medicina experimental.

Todas as interpretações sobre o papel do Instituto Oswaldo Cruz no desenvolvimento das ciências biomédicas, em certa medida, internalizaram esta avaliação, que passou a integrar a ideologia científica que os discípulos de Oswaldo Cruz difundiram após a sua morte. Com esta afirmação não se pretende, de maneira alguma, questionar o valor intrínseco do trabalho científico realizado, mesmo porque tal julgamento está além das limitações analíticas desse trabalho. Entretanto, o que se deseja frisar é o forte conteúdo ideológico da literatura analisada, depois amplamente reproduzido.

Estudos recentes sobre o desenvolvimento de atividades científicas no campo médico começam a relativizar as interpretações vigentes até pouco tempo, que conferem a Oswaldo Cruz e ao Instituto Oswaldo Cruz a prerrogativa de estudos nessa área. Logo, o que significa a afirmação de que Oswaldo Cruz é o fundador da medicina experimental, como querem os discípulos? Na verdade, o que os textos estão assinalando, sem explicitar, é sobretudo a capacidade de intervenção política de Oswaldo Cruz, o que lhe permitiu construir e sustentar a instituição. Porque, como eles próprios reconhecem, o campo de estudos a que se dedicaram – as doenças endêmicas – não constituía novidade, existindo uma tradição brasileira anterior a Manguinhos. Nem mesmo a prática de pesquisa científica foi prerrogativa do Instituto. Não apenas existiam pesquisadores como instituições que se situavam no mesmo campo de atividades. Nesse sentido, Oswaldo Cruz deve ser encarado como um continuador, e não fundador⁵³.

⁵³ Estas afirmações são baseadas nas pesquisas desenvolvidas na Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, em que se está verificando a importância de pesquisadores e instituições anteriores a Oswaldo Cruz no sentido da difusão e institucionalização da medicina experimental e mesmo da teoria pasteuriana.

Os depoimentos sobre a face da notoriedade da trajetória de Oswaldo Cruz, em que a vida privada e o anonimato cederam lugar à vida pública, constroem uma narrativa marcada pela idéia da predestinação. Após o período da preparação para assumir as tarefas que lhe estavam destinadas, os textos procuram mostrar como Oswaldo Cruz efetivou o que estava previsto e assim conseguiu alcançar a celebridade. Tratam de Oswaldo Cruz como se ele se houvesse dedicado a colecionar vitórias ao longo da vida. Era desta maneira que cumpriria o seu destino: estava fadado ao sucesso.

Nesse sentido, quando voltam-se para essa segunda fase da vida de Oswaldo Cruz, seus biógrafos apresentam os acontecimentos que o envolveram e ao Instituto, como se tudo fizesse parte de um plano preestabelecido que fora sendo executado por ele. O depoimento de Henrique Aragão, acima reproduzido, é ilustrativo desta concepção vigente entre os memorialistas. É curioso notar que, até mesmo quando fazem menção ao desenvolvimento das pesquisas, esta idealização está presente. Ao afirmarem que Oswaldo Cruz preconcebera um programa de pesquisa que passou a dirigir, tem-se a impressão de que querem fazer crer que ele sabia de antemão dos resultados fadados ao sucesso, que, de fato, em algumas áreas, os cientistas de Manguinhos obtiveram. Assim, ao ler este conjunto de textos, facilmente se depreende o seu desiderato: construir uma interpretação sobre a vida de Oswaldo Cruz como se ela fosse um caminho ascensional de glórias.

Em que pesem, nas explicações sobre o êxito de Oswaldo Cruz, os dons pessoais com que fora brindado, curiosamente uma contrapartida revelou-se fundamental para a realização de seu projeto: a presença dos discípulos. Estes referem-se assiduamente a si próprios como responsáveis por parte do êxito alcançado por Manguinhos e pelo cientista.

Comentando o assunto, logo após a morte de Oswaldo Cruz, em solenidade no Instituto, Carlos Seidl – que apelava à união dos discípulos em torno do sucessor Carlos Chagas – legitimava esta posição, afirmando que o próprio Oswaldo Cruz reconhecera esta contribuição em seu discurso na Academia Brasileira de Letras em 1913, quando definiu-se como o porta-bandeira de uma missão coletiva, exercida por “higienistas e experimentadores abnegados” que foram “os verdadeiros fatores da obra” (Seidl, 1917:324).

Boa parte dos textos é dedicada a elogiar o trabalho dos discípulos e o reconhecimento com que sempre contaram da parte de Oswaldo Cruz. Assim, os depoimentos estendem-se relatando aspectos e peculiaridades da relação do *mestre* com os seus discípulos.

Todos mencionam a atitude de renúncia de Oswaldo Cruz em favor do aperfeiçoamento dos discípulos. O depoimento de Chagas é característico desse modo de ver:

E é de salientar, neste ponto, a abnegação do mestre, que, ao interesse coletivo e à grandeza da nova escola, na missão absorvente de educar e orientar discípulos, sempre dispensou o melhor de seu esforço, em prejuízo, às vezes, de sua fama de pesquisador. Poderia ele, de preferência, aproveitar em benefício do próprio nome, ainda mais o enaltecendo, os superiores privilégios de sua rara mentalidade; julgou, porém, melhor servir a altos desígnios, na ação impessoal de organizar esforços, criar iniciativas, orientar inteligências, designar métodos científicos, proporcionar, enfim, aos experimentadores da sua escola, todos os elementos seguros de êxito. E procurava ocultar-se na obra realizada, aí sempre exaltando a valia exclusiva do discípulo, de cujo sucesso aproveitava as mais puras e compensadoras alegrias (Chagas, 1917:24).

A atitude de Oswaldo Cruz é louvada como um desprendimento consciente em nome dos *seus filhos intelectuais*. Como “Cristo, Ele cerrou-se de discípulos, aumentando a centelha de seu gênio”. Demonstrava um altruísmo invulgar, abdicando da sua carreira individual em nome do desenvolvimento coletivo e de seus assistentes, “um pugilo de moços que, desvinculados, ficariam à mercê do primeiro golpe da adversidade” (Dias, 1972:121)⁵⁴.

Ezequiel Dias relembra que todos os estudos feitos em Manguinhos receberam a influência *Dele*; ninguém como “Ele sabia entrever as causas de erro, as aparências enganosas, as conclusões ilógicas” (Dias, 1972:121).

Os discípulos consideram que o grau de interferência de Oswaldo Cruz nas pesquisas era tão grande que a ele devia ser dada a co-autoria de quase todos os trabalhos, pois ele, despojando-se de “suas idéias, dando-as aos outros, auxiliava-os na tarefa de desenvolvê-las” (Godoy, 1929:305)⁵⁵.

⁵⁴ Cabe assinalar que Ezequiel Dias, neste texto escrito em 1922 e recorrentemente citado pelos memorialistas como o primeiro esboço biográfico que foi feito sobre Oswaldo Cruz, nomeia-o sempre utilizando maiúsculas, como se pode observar no trecho citado. Este procedimento, como é sabido, está reservado ao Deus das religiões cristãs e a seu Filho em todos os textos das línguas ocidentais em que se Os mencionam, estendendo-se o uso das maiúsculas aos pronomes retos, oblíquos, possessivos etc.

⁵⁵ Vale lembrar a polêmica, mencionada no capítulo 3, a respeito da descoberta da doença de Chagas. Estas interpretações sobre a participação de Oswaldo Cruz nas pesquisas contribuíram para reforçar a posição dos opositores de Chagas, e, acredito, deixaram sempre alguma dúvida sobre a questão.

Henrique Aragão compartilha dessa opinião. A atitude voluntária de Oswaldo Cruz de pôr-se na *penumbra* não se devia a que lhe faltassem requisitos intelectuais. Ele podia ter realizado as mesmas descobertas que os discípulos fizeram. Aragão considera que esta atitude resultou de uma decisão conscientemente tomada a partir do momento em que ele percebeu existir em Manguinhos um grupo de pesquisadores treinados pelos seus métodos e capazes de desenvolver o trabalho⁵⁶.

Rocha Lima também confirma esta posição assumida por Oswaldo Cruz em favor da escola de ciência que desejava construir, entregando-se a ela com idealismo. De acordo com Rocha Lima, foi este o motivo pelo qual Oswaldo Cruz desenvolveu apenas poucos trabalhos originais de pesquisa, todos de “excelente qualidade”, mas que não tiveram continuidade (Lima, 1952:33). Sugere o cientista que Oswaldo Cruz, de certa forma, compensava a sua atividade científica inexistente com a dos discípulos:

Se a Oswaldo Cruz não sobrava tempo para entregar-se à pesquisa, identificava-se com as de seus discípulos, e exaltava com justo orgulho diante de cada achado e de cada trabalho original realizado em Manguinhos como se fossem seus. Pois era conquista nossa. Do nosso pequeno grupo de pesquisa brasileiro que ele criara nesse instituto; era um passo adiante na realização de seu maior ideal patriótico, o de emparelharmos com os grandes centros de ciência (Lima, 1952:34).

Rocha Lima, contudo, acrescenta em seu depoimento que esta atitude pode ser considerada natural, condizente com um chefe de escola que confiou aos discípulos aquilo que não tinha “inclinação nem tempo para fazer”. Aqui, de certa forma, fica relativizado o altruísmo que os outros discípulos atribuem a Oswaldo Cruz, bem como minimizada a sua disposição para o trabalho de pesquisa, tão insistentemente propalado.

Como verificamos, a definição desta identidade coletiva construída a partir da relação mestre/discípulos, é um dos temas preferencialmente abordados nestes textos. Através destes depoimentos, percebemos de que maneira os jovens pesquisadores consideram o seu papel como agentes de um trabalho que, se na origem deveu-se ao gênio criador de Oswaldo Cruz, foi desenvolvido no âmbito da esfera coletiva.

⁵⁶ Segundo Aragão, “retraí (Oswaldo Cruz) completamente suas atividades de investigador consumado, considerando mais úteis ao desenvolvimento de sua escola as vitórias de vários de seus discípulos àquelas de que ele próprio poderia facilmente, neste terreno, colher isoladamente todos os louros” (Aragão, 1972:210).

Nas representações que fazem de si próprios, os discípulos apresentam-se de forma não menos idealizada do que aquela com que projetam o mestre. Ao mesmo tempo em que realçam o papel de Oswaldo Cruz, destacam o aspecto coletivo do trabalho, chamando a atenção sobre si próprios.

O depoimento de Carlos Chagas, reproduzido na biografia escrita por Phocion Serpa, é representativo desta postura:

Fizemos, finalmente, todos os que aqui trabalham, a nossa aprendizagem geral em assuntos de microbiologia, sob as luzes emanadas de Oswaldo Cruz, de cuja técnica perfeita, de cuja capacidade de interpretação e de iniciativa aproveitavam todos os pesquisadores, quaisquer que fossem as suas especialidades. E fizeram, meus senhores, mestres e discípulos, destes excetuado apenas quem vos fala, toda a grandeza da obra de ciência que hoje vindes prestigiar, em honra à memória de um consagrado da nossa pátria (Chagas *apud* Serpa, 1937:359).

Inicialmente Carlos Chagas destaca a competência técnica de Oswaldo Cruz, para imediatamente associá-la à dos discípulos que tiveram a sua formação em decorrência desta relação. Por conseguinte, a perfeição realçada no mestre significava um sinal de distinção para os discípulos.

Assim, grande parte dos textos é dedicada a lembranças dos primeiros tempos de Manguinhos, considerados os melhores por todos. Com esta visão edênica, de um tempo perdido, retratam idealmente o passado e sobretudo a si próprios, apresentando-se como jovens animados por “um ideal de ciência, ingênuos e despreocupados com o futuro”. Henrique Aragão afirma que se comportavam como se fossem uns *enfants de bohème* da ciência, indiferentes à nossa instabilidade e satisfeitos com poucos proventos ou mesmo sem eles” (Aragão, 1972:204).

Ao altruísmo do mestre correspondia o dos discípulos. Um determinado atributo do mestre constituía uma qualidade dos discípulos. Como num espelho, miravam-se na imagem de Oswaldo Cruz que eles próprios construíram; ao projetar a imagem do outro afirmavam a sua identidade. Assim, podemos compreender que elogiá-lo significava, ao mesmo tempo, uma forma de enaltecimento de si próprios.

Melhor se entende a relevância conferida pelos discípulos ao coletivo, porque este envolve a questão da sua própria identidade. Artur Neiva define o grupo, sugestivamente, como uma seita, imagem muito explorada pela ideologia cientificista:

Ao escrever estas linhas, crônicas impregnadas de pungente saudade dos dias raidantes da formação de Manguinhos, eu dilacero fibra a fibra o meu coração de ardente patriota ao evocar os gloriosos momentos de trabalho e de felicidade em companhia dos ditosos companheiros do Instituto, onde, à porfia, cheios de ventura e alegria sob a orientação superior de Oswaldo Cruz, talvez déssemos a impressão de uma nova seita, de tal forma, dentro de nós, ardia a chama de um puro e elevado ideal (Neiva, 1927:7).

Manguinhos não constituía apenas uma seita. Segundo Henrique Aragão, o Instituto possuía um ar misterioso, até o nome Manguinhos lembrava “um terreno salitrado e lamacento, povoado de caranguejos e capaz de atacar o afoito que naquele solo se aventurasse” (Aragão, 1972:212). Aquele ambiente de laboratórios de pesquisa, segundo Aragão, era muito novo e desconhecido. Apesar da *originalidade* dos trabalhos, não havia quem pudesse avaliá-los. Por algum tempo existiu apenas uma intuição de que eles representavam uma “nova era para o Brasil no campo científico”; ninguém podia se “dar conta do que eles representavam” (Aragão, 1952:201).

De fato, para os discípulos não era apenas o mestre que se destacava por sua singularidade, mas todos eles eram igualmente especiais no cenário médico-científico brasileiro.

É interessante notar o contraste criado pelos discípulos, entre a sua atitude por assim dizer pueril – dotada de uma certa irresponsabilidade que consideram sadia e elogiável – e a seriedade com que caracterizam o trabalho que faziam. A atividade científica é comumente envolta por um ar solene e grave, como se fosse um culto sagrado.

A época da educação científica, como a nomeia Carlos Chagas, foi crucial para a carreira e a formação dos discípulos, que aprenderam com Oswaldo Cruz *métodos e normas da atividade científica*:

E quantos de seus discípulos lhe devemos, de modo exclusivo, a felicidade do próprio destino profissional? Quantos para aqui viemos numa fase de incertezas e vagas aspirações encontrar na longanimidade de Oswaldo Cruz a diretriz exata de um futuro propício? (Chagas, 1972:26).

Mas como Oswaldo Cruz poderia ser um grande mestre, indaga-se Rocha Lima, se ele não se notabilizou nem como professor nem como pesquisador?

Reconhecendo a idealização com que Oswaldo Cruz foi retratado, Rocha Lima procura retificar a impressão de que Oswaldo Cruz fosse um ser superior, tão difundida pelos *panegíricos*. Afirma que as relações

entre Oswaldo Cruz e seus discípulos não eram solenes e que tampouco estes o tratavam como um *sábio*. Peremptório, diz que a realidade era bem diferente, que, embora fosse pouco expansivo, Oswaldo Cruz era alegre, gostava do contato com os estudantes e adorava anedotas. Além disso, nunca assumiu *ares superiores* para fazer valer sua autoridade.

Oswaldo Cruz nunca tomava atitudes de mestre e nem poses de sábio, não pontificava, não fazia preleções, não levantava a voz, nunca nos chamou para focalizar nossa atenção sobre sua pessoa, seus feitos ou seus atos. Ensinava pelo exemplo de suas realizações e atitudes, de seu interesse pela ciência, sua dedicação abnegada à conquista do saber, sua exatidão nas observações, nos relatos, rigor na técnica, sinceridade na crítica e firmeza na sua conduta como chefe e como companheiro de trabalho (Lima, 1952:31).

Rocha Lima assinala, ao contrário da imagem difundida de Oswaldo Cruz como um *sábio onipotente*, que ele era modesto, aberto à contribuição dos auxiliares nos estudos e nas aulas, em que ocorria uma verdadeira troca de conhecimentos. Admitir este fato, frisa Rocha Lima, não desmerecia o papel de destaque que ele efetivamente possuía como o único mestre entre eles. Para Rocha Lima, Oswaldo Cruz possuía grande habilidade em orientar os trabalhos devido à formação que tivera, voltada para a pesquisa aplicada.

Mas se é possível dizer que o depoimento de Rocha Lima é singular neste conjunto de textos, por pretender relativizar certas idealizações, de maneira geral os discípulos não poupam elogios às qualidades de mestre reveladas por Oswaldo Cruz. Nesse sentido, alguns traços mostram-se reiteradamente assinalados.

Uma de suas maiores virtudes, segundo os testemunhos, era a de despertar vocações. Arthur Neiva sintetiza as opiniões:

Uma de suas mais espantosas qualidades era o dom mágico com que sabia despertar, no ânimo da pessoa que dele se acercava com o desejo de estudar, a ânsia de saber. Muitos de seus discípulos, cuja inclinação para as investigações científicas apenas existia latente, viram-se transformados ao maravilhoso influxo daquele ser, portentoso galvanizador de homens, abençoado criador de almas, em discípulos devotados, até ao sacrifício, à imensa obra de patriotismo e de ciência que ele tinha se proposto desenvolver em nossa terra (Neiva, 1917:13).

Esta capacidade de transformar homens é constantemente assinalada e elogiada. Ela remete à outra que acima já mencionamos, que é a da afirmação da dimensão coletiva do trabalho. Para os discípulos, configurar

o trabalho como o produto de um esforço coletivo lhes permitiu definir e garantir o seu lugar. Da mesma maneira, podemos compreender o destaque que conferem à convivência com o mestre, pois a esta relação deveu-se a formação de uma comunidade especial de indivíduos, homens transformados sob o influxo orientador de um gênio.

Os discípulos ressaltam a confiança que Oswaldo Cruz lhes inspirava através de uma orientação segura e decidida, amparando-os nas horas difíceis. Afirmam que ele revelara dons de psicólogo, pois que sabia penetrar na alma humana. Esta habilidade o capacitava a reconhecer os defeitos de seus discípulos, procurando compensá-los ao explorar as virtudes de cada um. Outra qualidade destacada é a de que o mestre não era autoritário: demonstrava carinho e tolerância para com as impertinências e a inexperiência dos jovens pesquisadores (Chagas, 1972).

Habilidade e bom senso caracterizavam a direção de Oswaldo Cruz, que selecionava as aptidões dos assistentes, procurando orientá-los de acordo com as melhores doutrinas. A declaração de Carlos Chagas expressa a imagem exemplar que todos os memorialistas procuram traçar:

Não só incalculáveis benefícios de trabalho devemos ao carinho do querido mestre; muitos dos que hoje veneramos sua memória tivemos a rara ventura de completar nossa formação moral sob a influência decisiva daquele espírito magnânimo, que pôde modificar, sempre aperfeiçoando, o caráter e os sentimentos de alguns de seus melhores discípulos. E nada resistia à força de seu exemplo e à segurança de seus princípios; além de que, educava pelo coração, falando às consciências aquela linguagem sempre singela e de belezas infinitas, que fascinava e convencencia, orientando para o bem (Chagas, 1917:26).

Vale mencionar uma última representação constituinte do mito do fundador da medicina experimental que nos pareceu primordial.

Constantemente se tem visto indicada a relação entre Oswaldo Cruz, Manguinhos e o país. Definem-se Oswaldo Cruz e Manguinhos como o *marco culminante da civilização brasileira, o símbolo do futuro da nacionalidade*. Para Belisário Pena, o homem e a instituição eram responsáveis pela construção dos “alicerces do edifício nacional” (Pena, 1922:44, 75, 55).

O Instituto Oswaldo Cruz é representado através de imagens como *templo de ciência, porta-voz da civilização, documento perpétuo do progresso do país, cenáculo da ciência, farol iluminante dos que buscam a verdade*, entre muitas outras. Por exemplo, Belisário Pena considera o Instituto Oswaldo Cruz como “um possante farol que vai indicando à nau da

nação brasileira a rota segura pra chegar a salvamento ao porto da independência econômica, da saúde, da riqueza, do progresso, da moralização, do respeito e do prestígio (Pena, 1922:81).

É interessante notar como este discurso de extração cientificista, com freqüência, recorre a comparações entre a atividade científica e o comportamento religioso, como se a primeira se aproximasse de um rito sagrado. Por seu lado, o lema que Oswaldo Cruz adotara e propagava – e é sempre evocado – possui uma conotação religiosa: “Fé eterna na ciência”. Freqüentemente encontramos a definição de que Oswaldo Cruz e, por conseguinte, cientistas e higienistas desempenhavam uma missão apostólica, representada por sua dedicação à ciência.

Em alguns textos, a metáfora religiosa é explicitada através da relação entre a vida de Oswaldo Cruz e a de Jesus Cristo. Compara-se a origem social modesta de ambos, passando pela idéia de um largo período de anonimato que correspondeu à preparação para o desempenho de suas missões, até relacionarem-se as perseguições e o calvário de Cristo às dificuldades e oposições que Oswaldo Cruz enfrentou. Encontramos várias referências à vida de Oswaldo Cruz como uma trajetória de sacrifícios, assim como fora a do “mártir do Gólgota”. Nas palavras dos seus discípulos, Oswaldo Cruz transformou-se no mártir brasileiro da ciência.

É curioso como esta idéia foi explorada pelos memorialistas. Argumentam que, apesar da doença de que sofria e que, com o passar dos anos, agravou-se, Oswaldo Cruz nunca esmoreceu. Como prova a análise de sua trajetória de vida, é constante e contínuo o seu interesse pela *coisa pública*. Após o período de sua gestão na Diretoria Geral de Saúde Pública, Oswaldo Cruz não apenas dedicou-se a Manguinhos, mas passou a “olhar para o Brasil”. Ou seja, pretendia estender o saneamento do Rio de Janeiro para todo o país.

Na opinião de Belisário Pena, Oswaldo Cruz amava o Brasil e por isso ofereceu a sua vida em “holocausto” para o “bem da pátria e a serviço da ciência”. “Todas as suas horas eram consagradas ao serviço da ciência e da pátria, na constituição de um núcleo de mestres e operários do progresso e da civilização” (Pena, 1922:57).

Todos os memorialistas consideram que o excesso de trabalho tinha esgotado as energias de Oswaldo Cruz, já combatidas pela doença que o minava. Afirmam que seu trabalho em prol do Brasil provocou o envelhecimento precoce e a morte prematura, pois ele não conferia a importância devida à gravidade de seu estado de saúde.

O mártir revelara-se na ação patriótica representada pelo desejo de ver o Brasil saneado, atingindo o progresso e a civilização. Movido pelo ideal científico e patriótico de sanear o Brasil, Oswaldo Cruz não hesitou em comprometer a sua própria vida, fazendo inúmeras viagens por vários estados brasileiros a partir de 1910. Destacam os biógrafos, especialmente, a viagem à Amazônia, quando, a serviço da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, organizou um plano de profilaxia da malária que dizimava os trabalhadores na extensão da linha férrea.

Avaliam os memorialistas que a obra de Oswaldo Cruz, como marco histórico, equivalia ao episódio das entradas e bandeiras que desbravavam o interior do Brasil no século XVII. Diferentemente destas, os *novos bandeirantes* não estavam à cata de ouro e tampouco de pedras preciosas. Esboçando objetivos mais nobres, almejavam conquistar o território e estabelecer a nacionalidade através da civilização que deveria ser estendida a todo o país, principalmente ao interior.

Oswaldo Cruz organizou verdadeiras bandeiras científicas, espalhando por todos os recantos do país os peregrinos da saúde. Foi responsável pela criação de uma consciência sanitária nacional, revelando diante da nação atônita as doenças que massacravam a população. Atribuiu importância às doenças coletivas, até então marginalizadas, diante da prioridade que era conferida às doenças individuais (Pena, 1922, *passim*).

A articulação de ciência, religião e pátria resultou numa eficiente ideologia que elevou a figura de Oswaldo Cruz, no plano do imaginário social, ao panteão dos heróis nacionais, em que ele figura solitariamente como o expoente máximo da ciência brasileira. Da mesma forma, a heroificação de Oswaldo Cruz representou um importante elemento definidor da auto-imagem do grupo de discípulos e foi amplamente explorada pelo movimento sanitarista, organizado a partir da Liga Pró-Saneamento do Brasil.